

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Sociologia

Curso de Sociologia

Trabalho do Fim do Curso

**Tema: *Jah Nyabinghi*: Legitimando o Consumo da Cannabis Sativa
no Grupo Rastarfari da Cidade de Maputo.**

**Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do Grau de
Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.**

Autor

Maurício Américo José

Supervisor

Dr. Adriano Maurício

Maputo, Dezembro de 2011

Jah Nyabinghi: Legitimando o Consumo da Cannabis Sativa no Grupo Rastafari da Cidade de Maputo.

Por

Maurício Américo José

Dissertação Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos para a Obtenção do Grau de Licenciatura em Sociologia pela Universidade Eduardo Mondlane

Departamento de Sociologia

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Universidade Eduardo Mondlane

O Supervisor	O Presidente	O Oponente	Data
<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>
-	-	-	- / - / -

Declaração de Honra

Eu, Maurício Américo José, estudante na Universidade Eduardo Mondlane, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, declaro por minha honra que a presente monografia foi por mim elaborada com base na bibliografia indicada e na metodologia apresentada no decurso da sua realização.

Autor

(Maurício Américo José)

Dedicatória

A memória do meu pai, Américo José Ninpuessa, minhas irmãs, meus irmãos Anjelito, Martinha, Luisa, Salfina, meu grande amigo Emídio Rafael Muhandzule – o *Grunge*, que precocemente deixaram de fazer parte do mundo material. Deste trabalho vai também a minha dedicatória para a minha queridinha mamãe, Helena Gil Mucavel que sempre esteve comigo nos bons e maus momentos, sempre para me dar a força.

Agradecimentos

Aí vai o meu imenso obrigado ao Dr. Adriano Maurício que para além de supervisor neste trabalho, onde sempre foi presente e pontual em cada passo em que o trabalho decorria, foi um verdadeiro mestre de sala de aulas, com suas exigências, rigor, imparcialidade que infelizmente alguns colegas não puderam o entender.

Vai o meu obrigado a todos os meus professores, com particular atenção ao Dr. Baltazar Muinga que sempre esteve presente como pai da turma na procura de “consenso” e aproximação nas “querelas” que frequentemente a minha turma, Sociologia (geração 2007 - 2010), se debatia.

Vai também o meu obrigado a minha família (em especial a minha mãe, Helena Gil Mucavel, minha irmã, Juliana Américo) que, sempre pode me compreender e me apoiar no meu desejo de algum dia poder me formar academicamente.

À Dona Sabine Schweele e Dona Gerti, faltam me palavras para exprimir a minha gratidão por tudo o que têm feito por mim, muito *Danke...* tenho a certeza de que sempre contarei convosco nos meus momentos bons e difíceis. Um dia pegarei um voo para convosco brindar na neve. Ao meu irmão Jan o meu muito *Danke*, um dia estarei consigo ai na terra da neve!

Ao meu cunhado e minha prima Dr. Manusse e Lucinda N’goma obrigado por tudo o que têm feito por mim e acredito que falo-ão eternamente porque o vosso maior defeito é sempre ajudar a quem precisa. O meu eterno obrigado! Ao Dr. Zefanias Matsimbe, professor, educador e grande amigo que sempre foi, mando o meu grande obrigado a humilde amizade e simpatia que sempre me deu. Vai também o meu muito obrigado a turma de sociologia geração 2007- 2010, que sempre soube me entender e me apoiar nos meus momentos difíceis. Um especial *thanks* ao meu amigo e colega Nurdino Macata que me deu um apoio incondicional e críticas frontais e contundentes na persecução deste trabalho. À Cátia Ferreira, Juntre, Reginaldo, Silvana, Vany, e Zandamela, um muito obrigado pela compreensão e espírito de grupo que sempre nos primamos, aos momentos de gargalhadas nos debates não só científicos, mas também, “conversas transversais” do quotidiano. Finalmente, vai o meu agradecimento ao mano Julinho que me deu habitação mesmo quando não podia paga-lo, é um verdadeiro irmão!

Resumo

O presente trabalho tem como propósito compreender a partir da perspectiva construtivista de Berger e Luckmann a prática desenvolvida pelos consumidores do grupo rastafari de forma a garantir a reprodução do consumo da cannabis e sua coesão social face as hostilidades a que o grupo se encontra socialmente sujeito. Assumimos que os rastafaris desenvolvem a prática do *Nyabinghi* de forma a garantir e legitimar a continuidade do consumo da *Cannabis Sativa*, permitindo deste modo a manutenção e o reforço da coesão social na medida em que o *Nyabinghi* opera como uma instituição de transmissão da identidade rastafari e seus *modus vivende*, oferecendo uma fonte de legitimação para os valores e normas que caracterizam a vivência rastafari ligada no uso cultural da *cannabis sativa* apesar das hostilidades a que se encontram sujeitos por parte da sociedade englobante.

Palavras-chave: *Grupo Rastafari; Consumo da Cannabis Sativa; Legitimação Social e Coesão Social.*

Abstract

The present work aims to understand from the constructivist perspective of Berger and Luckmann the practice developed by consumers Rastafarian group to ensure the reproduction of the consumption of cannabis and its social cohesion to face the hostilities that the group is socially subjected. We assume that the Rastafarians developed Nyabinghi practice order to secure and legitimize the continued consumption of Cannabis Sativa, thereby enabling the maintenance and strengthening social cohesion in that it operates as institution of broadcasting Rastafarian identity and his *modus Vivendi*, offering a source of legitimacy for the values and norms that characterize the experiences Rastafarian culture connected on the use of cannabis sativa in spite of the hostilities which they are subjected by society encompassing.

Keywords: Rastafari Group, Consumption of Cannabis Sativa, Social Cohesion and Social Legitimation.

Abreviaturas

CEBRID:	Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas.
GCPCD:	Gabinete Central de Prevenção e Combate à Droga.
LSD:	Dietilamina do Ácido Lisérgico.
ONG's:	Organizações não Governamentais.
STP:	Serenidade, Tranquilidade e Paz.
SNC:	Sistema Nervoso Central.
TIC:	Tecnologias de Informação e Comunicação.

Lista de tabelas

Tabela 1 - Pacientes com transtornos mentais e do comportamento por consumo de substâncias psicoativas;

Tabela 2 - Pacientes com transtornos mentais e do comportamento por tipo de substância;

Tabela 3 - Distribuição dos entrevistados por sexo;

Tabela 4 - Distribuição dos entrevistados por idades;

Tabela 5 - Idade da entrada ao uso da cannabis sativa;

Tabela 6 - Idade da entrada ao *Nyabinghi*;

Tabela 7 - Distribuição dos entrevistados por nível escolar;

Tabela 8 - Distribuição dos entrevistados por actividade económica;

Tabela 9 - Distribuição dos entrevistados por bairros de residência;

Tabela 10 - Idade de entrada ao uso da cannabis sativa.

Tabela 11: Entrada e permanência no fumo da cannabis e no *Nyabinghi*.

Índice

Folha de Rosto.....	i
Declaração de honra.....	ii
Dedicatória.....	iii
Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Abreviaturas	viii
Lista de Tabelas.....	viii
I. INTRODUÇÃO.....	12
II. CONTEXTUALIZANDO A CRIMINALIZAÇÃO DA CANNABIS SATIVA.....	15
2.1 Contextualização mundial e moçambicana sobre a criminalização de substâncias psicoactivas.....	15
2.2 O que é cannabis sativa?	17
2.3. Comparação da patologia engendrada pela cannabis sativa e das outras principais drogas.....	19
2.3.1 Cannabis sativa	20
2.3.2 Heroína	20
2.3.3 Cocaína	21
III. REVISÃO DA LITERATURA	23
IV. PROBLEMA.....	29
4.1.1 Pergunta de partida.....	36

4.1.2 Hipóteses:	36
4.1.3. Objectivo geral.	36
4.1.4 Objectivos Específicos.....	36
4.2 Relevância sociológica.	37
V. QUADRO TEÓRICO E CONCEPTUAL.	39
5.1. Definição dos Conceitos.....	42
5.1.1. Grupo.....	42
5.1.2. Cultura.....	43
5.1.3. Religião	34
5.1.4. Coesão Social.	44
5.1.5. Exclusão Social.....	35
VI. METODOLOGIA	46
VII. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	49
7.1 Caracterização dos entrevistados	49
7.2. Interiorizando o consumo da cannabis sativa.....	53
7.3 Nyabinghi: Um instrumento de transmissão da identidade rastafari.....	55
7.4 Hostilidades: polícia, família, vizinhos.	58
7.5. Nyabinghi- um quadro normativo e stock de conhecimentos que legitimam o uso da cannabis sativa.....	60
7.6. Nyabinghi e coesão dos rastafaris: entre a religião e a espiritualidade?	61
VIII. CONCLUSÃO.....	66
IX. BIBLIOGRAFIA.	68

I. INTRODUÇÃO.

A presente monografia tem como tema *Jah Nyabinghi: Legitimando o Consumo da Cannabis Sativa no Grupo Rastafari da Cidade de Maputo*. A mesma pretende mostrar o Nyabinghi como prática desenvolvida pelo grupo rastafari de forma a garantir a reprodução do consumo da cannabis sativa e sua coesão social face as hostilidades a que o grupo se encontra socialmente sujeito.

Advogando que pelo facto do consumo da cannabis ser socialmente recriminado, o Nyabinghi permite por um lado o consumo da *cannabis sativa* e por outro lado actua como uma estratégia de coesão e legitimação do grupo.

Se por um lado os rastafaris fazem um consumo ritualizado da cannabis e defendem a continuidade do seu consumo pelo facto dela responder a esse imperativo, por outro lado, o grupo encontra-se em conflito com a lei e a sociedade moçambicana englobante devido aos transtornos mentais e comportamentais imputados a esse consumo.

Daqui nos inquieta perceber a lógica da construção da realidade social do grupo rastafari que o liga à legitimação do uso da cannabis sativa assim como à sua coesão social.

Achamos relevante estudar o consumo da cannabis pelo facto de ser uma substância psicoactiva que se localiza numa hierarquia farmacológica normativa das drogas ilegais mais consumida em Moçambique, tomando em conta que há uma relativa ausência do conhecimento por parte da sociedade moçambicana englobante dos factores de ordem cultural que envolvem este consumo.

Não excluindo outros factores, a nossa hipótese é de que a manifestação *Nyabinghi* garante a continuidade do consumo da cannabis e da coesão social dos rastafaris. Para o alcance ao nosso objecto de estudo adoptamos a abordagem construtivista de Berger e Luckmann (2004) visto que, esta nos permite fazer uma leitura e interpretação relativamente ampla da complexidade do fenómeno estudado.

A observação directa, foi realizada na congregação dos rastafáris (*Zion*, local onde se realizam as manifestações *Nyabinghis*), bairro Intaka, espaço territorial pertencente ao município da Matola. As entrevistas foram realizadas nas residências dos rastafáris, nos bairros: Malhangalene, Polana Caniço A, Polana Caniço B, Maxaquene C, Magoanine, Zimpeto e Intaka.

Assim sendo, temos como objectivo geral compreender o Nyabinghi na sua relação com a legitimação do consumo da *cannabis sativa* e na coesão social dos rastafaris. Deste modo o trabalho está estruturado em sete (6) capítulos: no primeiro capítulo fazemos uma contextualização mundial e moçambicana sobre a criminalização de substâncias psicoativas. Trazemos ainda no primeiro capítulo, a definição científica da *cannabis sativa*, seus efeitos e comparação com outras “drogas”.

No segundo capítulo tratamos da revisão bibliográfica e pesquisas de campo que nos permitiram elaborar a nossa problemática. Não tendo encontrado pesquisas do contexto moçambicano que abordam especificamente sobre consumo da *cannabis sativa*, as pesquisas de Sequeira (2003) e Tembe (2009) que abordam indirectamente sobre o consumo da cannabis no contexto moçambicano tornaram-se a nossa prioridade para a elaboração da problemática.

Também usamos para a elaboração da problemática, os célebres trabalhos de Becker, Macrae, Simões, Zinberg e outros.

No terceiro capítulo apresentamos e discutimos o problema da pesquisa, assim como, os propósitos que nos induziram a escolher o objecto de estudo, depois deste capítulo segue-se a apresentação da perspectiva teórica e conceptual que é composta pela abordagem teórica de Berger e Luckmann, no quarto capítulo.

O quinto capítulo traz a metodologia e as técnicas usadas para a colecta de dados. No sexto capítulo fazemos a apresentação, análise e interpretação dos dados colhidos no campo. Este capítulo é subdividido em 7 subcapítulos.

No primeiro subcapítulo, fazemos a caracterização dos entrevistados, ao que se segue o subcapítulo destinado a mostrar como os rastafaris interiorizam o consumo da cannabis sativa, por sua vez, o terceiro subcapítulo trata do *Nyabinghi* como uma instituição de transmissão da identidade rastafari.

Segue-se o quarto subcapítulo que procura mostrar as hostilidades a que estão sujeitos os rastafaris face a sociedade englobante. O quinto subcapítulo por sua vez olha para a forma como os rastafaris legitimam o uso da cannabis apesar das hostilidades a que se encontram sujeitos.

Por fim mostramos como o *Nyabinghi* opera como um mecanismo que propicia a coesão social dos rastafaris, instituindo todo um conjunto de práticas e valores legitimadores da

realidade social, que permitem a consolidação dos rastafaris como uma subcultura envolta da cultura englobante. Segue-se a este subcapítulo a apresentação das considerações finais.

II. CONTEXTUALIZANDO A CRIMINALIZAÇÃO DA CANNABIS SATIVA.

Neste capítulo procuramos trazer as bases ideológicas e económicas que estiveram na génese da formulação da política global da criminalização da produção, tráfico, comércio e consumo de substâncias psicoactivas. Uma breve definição da cannabis sativa e sua comparação com outras substâncias psicotrópicas a nível da sua patologia fará parte deste capítulo.

2.1 Contextualização mundial e moçambicana sobre a criminalização de substâncias psicoactivas.

A conferência de Haia de 1912 constitui o primeiro empreendimento humano a escala global através da qual potências ocidentais se empenharam em promover uma proibição absoluta da utilização de um conjunto de substâncias psicoactivas,¹ seja na produção, comercialização ou no consumo. Portanto, todas as pessoas que utilizassem este conjunto de substâncias deviam ser sujeitas a criminalização. Consequentemente, foi na Convenção Única de Genebra de 1961 que estas substâncias passaram a ser designadas técnico e legalmente por estupefacientes (ou narcóticos) e ainda por drogas, na linguagem do senso comum.

Entretanto, segundo Nadelmann e Woodiss (apud Valentin, 1998), a proibição das respectivas substâncias, por um lado, carregam consigo uma ideologia cultural etnocêntrica, por outro lado, são uma expressão de uma ideologia capitalista ocidental, visto que, a ordenação das drogas segundo uma hierarquia farmacológica normativa que resultou da Convenção de Genebra legalizou as substâncias psicoactivas (café, tabaco e álcool) que faziam parte dos hábitos culturais dos países do Centro e criminalizou, porém, principalmente as drogas² (canabinóides, opiáceos naturais e coca) que estavam incrustadas na tradição cultural de povos de países da periferia. Não foram criminalizadas as substâncias psicotrópicas produzidas pela indústria farmacêutica (tranquilizantes, barbitúricos, anfetaminas) que constituíam um mercado crescente em expansão.

¹ Atração pelo psiquismo (CEBRID, 2007)

² Segundo cientistas franceses drogas são Substâncias depressoras da actividade do Sistema Nervoso Central (SNC); substâncias estimulantes da actividade do SNC; substâncias depressoras da actividade do SNC (CEBRID, 2007)

A principal “preocupação” da Convenção Única das Nações Unidas era com a saúde física e moral da humanidade, por isso, esta convenção consistiu em acabar com a toxicomania (Estado de intoxicação periódica e crónica).

Os defensores da Convenção Única, consideraram a toxicomania um flagelo para o indivíduo e perigo económico e social para a humanidade. Todavia, em termos objectivos a preocupação da Convenção Única, constitui também, aquilo que Foucault denomina de “práticas discursivas”, isto porque no caso da *cannabis sativa*, embora com alguns efeitos nocivos, comparada com outras drogas e, mesmo com alguns psicotrópicos legais (tabaco e o álcool), segundo estudos científicos³ apresenta menores malefícios a saúde e não é viciante. Dependendo da pessoa, os efeitos da cannabis podem ser nulos.

Segundo Foucault (apud Hall e Bem, 1992) discurso está relacionado com a produção do conhecimento através da linguagem. Porém, o discurso se produz pela prática: “prática discursiva” – a prática de produção de significados. Todas as práticas sociais envolvem significados, todas as práticas têm um aspecto discursivo. Portanto, o discurso envolve e influencia todas as práticas sociais.

Foucault defendeu que o discurso do ocidente acerca do resto do mundo foi profundamente implicado na prática – isto é, na maneira como o ocidente se comportou contra o resto do mundo (*idem*).

Para Foucault, o Discurso é similar à “ideologia”: um conjunto de afirmações ou crenças que produzem conhecimento que serve os interesses de um grupo particular ou classe. Entretanto, Foucault prefere falar de discurso além de ideologia porque para ele, uma ideologia é baseada na distinção entre afirmações verdadeiras acerca do mundo (ciência) e afirmações falsas (ideologia), e a crença de que os factos acerca do mundo nos ajudam a decidir entre as verdadeiras e falsas afirmações (*idem*).

Foucault defende que as afirmações acerca do mundo social, político ou moral são raras e simplesmente verdadeiras ou falsas; e os factos não nos ajudam a decidir definitivamente acerca da sua veracidade ou falsidade parcial, porque os “factos” podem ser construídos de diferentes maneiras (*idem*).

³ Chemistry and Biodiversity Review, 2007; Olievenstein,s/d; Becker Howard

A mesma linguagem que usamos para descrever certos factos interfere no processo de decisão final sobre o que é verdadeiro e o que é falso. Por exemplo, a luta dos palestinos para recuperação dos seus territórios dos israelitas pode ser descrita como "luta pela liberdade" ou terrorismo. O facto é que há luta, mas o que a mesma significa?

Moçambique importou o etnocentrismo cultural e a prática discursiva capitalista ocidental relativamente ao consumo de substâncias psicoativas e, em particular a produção, comercialização e consumo da *cannabis sativa* através da ratificação das seguintes Convenções: Convenção Única das Nações Unidas sobre estupefacientes, de 1961, ratificada pela Resolução n° 7/90 de 18 de Setembro da Assembleia Popular; Convenção das Nações Unidas sobre substâncias psicotrópicas, de 1971, ratificada pela resolução n° 8/90 de 13 de Setembro da Assembleia Popular; Convenção das Nações Unidas sobre o Combate ao Tráfico Ilícito de Drogas e Substâncias Psicotrópicas, de 1988, ratificada através da resolução n° 11/96 de 4 de Maio da Assembleia da República.

Da Convenção das Nações Unidas de Combate ao Tráfico Ilícito de Drogas e Substâncias Psicotrópicas, de 1988, ratificada através da resolução n° 11/96 de 4 de Maio da Assembleia da República foi elaborada e aprovada a lei n 3/97 de 13 de Março, lei que define e estabelece o regime jurídico aplicado ao tráfico e consumo de estupefacientes bem como de substâncias psicotrópicas, precursores e preparados ou outras substâncias de efeitos similares e cria-se o Gabinete Central de Prevenção e Combate à Droga.

2.2 O que é cannabis sativa?

Segundo Olievenstein (s/d), a *cannabis sativa* vulgar é uma planta anual de caule canelado. Ainda de acordo com este autor, a altura da planta é de cerca de dois (2) metros. As flores da cannabis são pouco visíveis e têm um odor especial e característico que entontece. A *cannabis sativa* inclui-se no segundo grupo dos cinco (5) grupos de classificações das drogas estabelecidas por Lewin, em 1928. O segundo grupo de Lewin, denominado phantastica, é o grupo dos agentes alucinantes e inclui o peyolt, a mescalina, a psilocibina, as solanáceas (datura, memeindro). Ao segundo grupo ainda se pode acrescentar o Dietilamina do Ácido Lisérgico (L.S.D.) e a Serenidade, Tranquilidade e Paz (S.T.P.).

Para os cientistas franceses (*apud* CEBRID, 2007), a *cannabis* pertence ao grupo das drogas perturbadoras do Sistema Nervoso Central (SNC) que também, podem ser denominadas psicossomáticos, psicodérmicos, alucinógenos e psicotiméticos.

Para Olievenstein (s/d), admite – se que a *cannabis sativa* é originária da Ásia Central. O seu nome varia conforme regiões, por isso se chama *bangue* em persa, *hauf* em alemão, *keunp* em holandês, *canamo* em espanhol, *kender* em turco, *chu-sto* em chinês e *marijuana* em hispano-americano. Se a *cannabis sativa* crescer na Europa, a sua resina é muito menos activa do que a resina cultivada por exemplo, na Índia. Portanto, a actividade da resina da *cannabis sativa* varia com o local onde é colhida, a insolação que sofreu e a forma como essa resina foi recolhida.

De acordo com CEBRID (2007), o Tetraidocanabinol (THC) é a substância química da *cannabis sativa* que é responsável pelo seu efeito. Dependendo da quantidade de THC presente (o que pode variar de acordo com o solo, clima, estação do ano, época da colheita, tempo decorrido entre a colheita e o uso), a *cannabis sativa* pode ter efeitos diferentes, isto é, produzir mais ou menos efeitos. Essa variação depende também da própria pessoa que a consome. Uma dose insuficiente para um pode produzir intoxicação para outro.

Segundo Olievenstein (s/d), os efeitos físicos e psíquicos dependem essencialmente da quantidade absorvida, do modo de absorção, da qualidade do produto, mas também do ambiente colectivo onde a *cannabis* é consumida. Parcialmente, a influência do grupo, a histeria colectiva da percepção e a existência de fenómenos induzidos e descritos pelos participantes são fundamentais para análise desses efeitos.

Absorvida em doses pequenas, os efeitos físicos são pouco sensíveis, assimiláveis a uma espécie de bem-estar. Quando a dose é mais forte, a cabeça fica quente e um pouco pesada, um certo calor invade o corpo. Na verdade, o efeito é variado, pode até ser nulo. Podem surgir “lufadas de calor”. Num grau suplementar, aparecem outros fenómenos vegetativos e psicossensoriais como, por exemplo: zumbidos nos ouvidos. Por vezes, desencadeiam-se sintomas de ansiedade, náuseas (*idem*).

Moreau de Tours (*apud* Olievenstein, id) identifica oito efeitos psíquicos da *cannabis*:

1. Um estado de euforia associado por alguns a felicidade;

2. Uma excitação intelectual com exagero dos sentimentos e, quando levada ao extremo, com uma dissociação de ideias;
3. Modificação da percepção do tempo passado e do espaço;
4. Uma modificação da sensibilidade auditiva (particularmente ao nível da acuidade musical);
5. Formação de ideias fixas, geralmente sugeridas pelo mundo exterior;
6. Sobreexcitação dos sentimentos, com modificação dos entusiasmos afectivos;
7. Impulsos muitas vezes ligados à sugestão;
8. Ilusões e alucinações.

Entretanto, segundo (CEBRID, 2007), há provas científicas que indicam que se um indivíduo têm uma doença psíquica qualquer, mas que ainda não está evidente (a pessoa consegue “se controlar”) ou ainda não apareceu, mas está controlada com medicamentos adequados, a *cannabis sativa* piora o quadro ou faz surgir a doença, isto é, a pessoa não consegue mais “se controlar” ou neutraliza o efeito do medicamento e passa a apresentar novos sintomas de enfermidade com características esquizofrénicas. Outras provas têm a ver com os benefícios medicinais da cannabis. Graças as pesquisas recentes a *cannabis sativa* é reconhecida como medicamento que abole náuseas e vômitos. A cannabis é também reconhecida no tratamento da epilepsia.

2.3. Comparação da patologia engendrada pela cannabis sativa e das outras principais drogas.

Através da comparação da cannabis sativa e outras substâncias psicoativas, nomeadamente a heroína e a cocaína, pretendemos mostrar a menor perigosidade que esta substância tem em relação as outras.

2.3.1 Cannabis sativa

Segundo Olievenstein (s/d), a *cannabis sativa* e os seus produtos se distinguem das outras toxicomanias pelo seu carácter acentuadamente menos tirânico do que as outras drogas.

Entretanto, notam – se as seguintes patologias:

- Uma perda do incitamento a acção, sobretudo no que tange as actividades sociais, e, nos países de desnutrição, uma caquexia progressiva;

-Sobre este fundo crónico, surgem episódios agudos (tipo confuso-onírico) com manifestações agressivas. Assinalam-se casos em que são acompanhados de rasgos impulsivos de violência (fugas e até, embora excepcionalmente reacções assassinas). Por vezes o estado Confúcio prolonga-se sob forma de psicose atípica com características esquizofrénicas.

2.3.2 Heroína

A heroína é derivado dos opiáceos e também principal tóxico dos opiáceos. É fácil de manejar e, segundo seus consumidores, dá um prazer de qualidade maior, lembrando um “orgasmo sexual generalizado” e uma sensação de estar mergulhado em “água morna”

O primeiro período de iniciação é descrito como uma verdadeira “lua-de-mel”, em que domina a voluptuosidade intelectual e física – verdadeiro estado de euforia física e cinestésica. A esta voluptuosidade junta-se um desenvolvimento da imaginação e do imaginário. Produz se um verdadeiro enriquecimento da personalidade, mas ai também se esbatem os períodos benéficos, tornando-se raros e curtos.

Para acalmar a falta, é necessário aumentar as doses. Em seguida, inicia-se uma fase de destruição física e psíquica, afectiva e social e ao mesmo tempo patética do consumidor. Embora sejam conservadas as faculdades intelectuais, sofre-se terrivelmente, o que lhe faz procurar todos os meios possíveis para adquirir a droga.

A heroína é menos hipnótica e 5 vezes mais tóxica do que a morfina. Tem uma acção mais brutal e \a mesma se opõe à acção mais lenta da morfina e do ópio. Essa acção é responsável por mortes súbitas.

Portanto, a acção da heroína é claramente mais forte do que a dos outros opiáceos. O seu efeito é paralelamente mais curto e por essa razão, impõe a renovação da injeccção de duas em

duas horas ou de três em três horas, enquanto o ópio estende o seu efeito para oito ou doze (12) horas.

2.3.3 Cocaína

O craque e a merla são cocaína, portanto, todos os efeitos provocados no cérebro pela cocaína também ocorrem com o craque e a merla. O craque e a merla são consumidos por via pulmonar, marcando diferença com relação ao pó.

Quando o craque e a merla são fumados, alcançam o pulmão que é um órgão intensivamente vascularizado e com grande superfície, levando a uma absorção instantânea através do pulmão, cai quase imediatamente na circulação, chegando rapidamente ao cérebro. Pela via pulmonar, o craque e a merla encurtam o caminho para chegar ao cérebro, surgindo os efeitos da cocaína muito mais rápidos que as outras vias.

Em 10 a 15 segundos, os primeiros efeitos já ocorrem, enquanto os efeitos após cheirar o pó, ocorrem após 10 a 15 minutos, e após injectar, 3 a 4 minutos. A característica do craque, faz com ele seja a droga “poderosa” do ponto de vista do usuário, já que o prazer acontece quase instantaneamente após uma “pipada” fumada no cachimbo.

Todavia, a duração dos efeitos do craque é muito rápida. Em média 5 minutos, enquanto após cheirar ou injectar duram de 20 a 45 minutos. Essa curta duração faz com que o usuário volte a utilizar as drogas com mais frequência que as outras vias (praticamente de 5 em 5 minutos), levando a dependência mais rapidamente que os usuários da cocaína por outras vias (nasal, endovenosa) e, levando também a um investimento monetário muito maior.

Alem do “prazer” indescritível que muitos comparam com orgasmo, o craque e a merla provocam também um estado de excitação, hiperactividade, insónia, perda de sensação de cansaço e falta de apetite. A falta de apetite é muito característica do usuário de craque e merla.

Em menos de um mês ele perde peso (8 a 10 kg) e com um tempo relativamente maior, ele perde quase todas as noções básicas de higiene, ficando com um aspecto deplorável. Após um uso intensivo e repetitivo, o usuário experimenta umas sensações muito desagradáveis, como o cansaço e intensa depressão. Quanto aos efeitos tóxicos, a tendência do consumidor é aumentar a dose da droga para sentir efeitos intensivos. Todavia, as quantidades maiores acabam por levar o usuário a um comportamento violento, irritabilidade, tremores e atitudes

bizarras devido ao aumento da paranóia. Os usuários do craque e merla perdem de forma marcante o interesse sexual.

III. REVISÃO DA LITERATURA

Nesta fase do trabalho, através de estudos empíricos, pretendemos trazer uma problemática moçambicana sobre o consumo da *cannabis sativa*. Trabalhos realizados em outros contextos e abordagens teóricas também são necessárias para a nossa problematização do consumo da cannabis.

Há que realçar que na nossa pesquisa bibliográfica não encontramos estudos científicos que problematizam o consumo específico da *cannabis sativa* em Moçambique. Para além de uma problemática específica sobre o consumo da cannabis, não encontramos também pesquisas que relacionam o consumo da cannabis a um grupo específico.

Entretanto, a pesquisa de Tembe: *Reprodução e Gestão das Identidades Sociais: O Caso da Identidade Rastafári na Cidade de Maputo – 2008*, tendo como objectivo compreender o processo de construção, gestão e reprodução da identidade rastafári, marcada geralmente por conflitos, aborda de forma marginal a questão do consumo da *cannabis sativa*. Esta pesquisa tem uma estreita ligação com a nossa pesquisa, daí que tornou-se um objecto de particular análise para o nosso trabalho.

O argumento central de (Tembe, 2008) é de que o afastamento da sociedade e a frequência aos espaços identitários específicos revelam-se como aspectos prementes no processo de gestão e reprodução da identidade rastafári na cidade de Maputo.

A reação dos indivíduos rastafáris perante o ambiente hostil em que se inserem, implica a actuação do grupo num campo de forças, no qual interagem os propósitos do grupo, os recursos que dispõem e os limites que têm. Para Tembe, estas três dimensões são prementes na compreensão do processo de reprodução económica dos grupos (*idem*).

Quanto aos propósitos da reação, destaca-se a luta pela afirmação e respeito das suas opções identitárias e de estilo de vida, valores e práticas, assim como uma integração socioeconómica dos membros a partir de suas criações e habilidades.

Os rastafáris têm como recursos as habilidades criativas dos seus membros viradas à produções artísticas de bens e serviços consumidos no campo cultural e, quanto aos limites, destaca-se a preconceção das dificuldades que um indivíduo rastafári teria em se singrar num emprego formal nas instituições também formais.

Os recursos e habilidades profissionais que alguns rastafaris dispõem são passados aos outros membros do grupo em virtude de se constatar a necessidade e a importância que teria na reprodução dos mesmos, na medida em que dificilmente seriam integrados nas instituições formais. Assim, não só os indivíduos se reproduzem economicamente, como também não têm a necessidade de abandonar a sua identidade face ao ambiente externo hostil.

Há, portanto, que concordar com o argumento de Tembe, isto é, os propósitos, recursos e limitações que interagem face ao ambiente hostil que se inserem os rastafaris, têm uma ligação estreita com os ensinamentos *Nyabinghi*..

Jovens, Família e Drogas: Um Estudo Sobre a Toxicodependência na Cidade de Maputo – 2003 é uma pesquisa realizada por Neto Sequeira e tem como objectivo partir de uma perspectiva sociológica para compreender o processo de entrada de jovens na toxicodependência. Sequeira (2003), acreditando na existência das características peculiares dos indivíduos, na influência do meio e dos grupos de amigos, etc, as crises e problemas no seio da estrutura familiar constituem situações favoráveis para a entrada de jovens numa “carreira toxicodependente”.

As separações precoces na maioria dos casais, o que implicou a ausência de um dos progenitores; a existência de um ambiente precário de relações familiares, marcado por conflitos e desentendimentos entre os progenitores e/ou entre esses e os filhos, acompanhados por vezes, por casos de agressão física; a presença no seio familiar de outros membros que se drogavam; a imagem negativa do progenitor masculino e a existência de laços afectivos fracos entre os toxicodependentes e os progenitores, para Sequeira, isto permite descrever o ambiente familiar como disfuncional e como tendo agido negativamente no desenvolvimento do adolescente. Quer dizer, pouco ou em nada o ambiente familiar contribuiu para o adolescente não entrasse na conduta desviante.

Constatamos que a pesquisa de Sequeira não se enquadra muito no nosso trabalho, visto que, ela está virada para o consumo de drogas no sentido lato. O estudo de Sequeira não se preocupa, porém, na análise de causas que podem levar indivíduos ou subgrupos com identidades próprias ou específicas no seio de uma sociedade englobante, a preferirem determinados tipos de drogas, assim como os problemas e efeitos comportamentais que podem advir desse consumo específico.

Portanto, a nossa posição é de que a entrada ao consumo da cannabis, substância também considerada droga, pode não ter uma relação estreita com as crises na estrutura familiar, pelo contrário, de acordo com os significados que uma estrutura familiar socialmente considerada estável pode dar ao consumo da cannabis, a mesma pode servir de um factor favorável para a socialização do consumo da cannabis, sem que este consumo, leve necessariamente os indivíduos à toxicod dependência.

Em *A Subcultura da Maconha, Seus Valores e Rituais Entre Sectores Socialmente Integrados* – um estudo realizado em Brasil, Macrae e Simões têm como objectivo enfatizar a abrangência das implicações do modelo biopsicosocial que, tantas vezes é invocado formalmente na abordagem da questão das drogas, mas que na prática é geralmente relegado em favor de uma ênfase predominante nos aspectos farmacológicos.

Segundo Macrae e Simões (2010), o uso da droga e a prevenção do seu abuso deveriam ser abordados a partir de toda a sua complexidade biopsicosocial e que, as campanhas de prevenção não deveriam se deixar confundir com acções visando o controle de certos sectores da sociedade. As acções de prevenção aos abusos de drogas deveriam considerar seu público-alvo como sendo capaz de atitudes sensatas com base em informação confiável e convincente, estabelecendo um diálogo com ele, onde ele fosse tomado como parceiro qualificado.

A rede de sociabilidade desempenha um papel importante na aquisição da cannabis. Os membros do grupo participam do “pequeno trafico” entre si, baseado na confiança mútua e na cooperação (*idem*).

Os lucros monetários são geralmente pequenos e a grande vantagem deste sistema é a relativa segurança que dá aos usuários, mantendo os distantes do mundo perigoso dos grandes traficantes. Os usuários estabelecem seu próprio quadro referencial de sanções relativas ao uso da cannabis com base na convivência pessoal e na inter-relação com os outros consumidores.

Estes processos individuais são descontínuos e são às vezes pontilhados por fases descritas como de “consumo exagerado” cujas consequências negativas não deixam de ser sentidas e meditadas. Após algumas experiências, eventualmente desagradáveis, muitos usuários da cannabis percebem que é preciso seleccionar a circunstância e a ocasião para usar a cannabis.

A situação de trabalho é frequentemente eliminada, seja em virtude da ameaça, representada pela descoberta do facto por chefes e colegas, seja pela queda de rendimento, dispersão ou perda de objectividade experimentadas nessas ocasiões. Tende-se portanto reservar o uso da cannabis para horas de lazer e descompromisso.

Isso, porém, não é regra geral absoluta: há situações em que os usuários acreditam poder compatibilizar o uso da cannabis e o desempenho no trabalho. Há certo consenso que a cannabis é inoportuna para a execução adequada de actividades que exigem concentração, precisão, métodos ou mesmo mecanização.

Em contrapartida, outros acreditam poder realizar melhor e com facilidade actividades que requerem um tipo de coordenação rítmica dos movimentos do corpo (incluindo actividades como dançar, limpar a casa e carpir o quintal).

Os consumidores da cannabis não relataram nenhuma ansiedade particular na falta do produto. A reacção despertada pela falta da cannabis, se é manifesta, é sempre mais amena do que sentida por exemplo, pela falta de tabaco ou cocaína (*idem*).

Um autor de singular relevo para o estudo do consumo da cannabis é Howard Becker. No seu estudo *Becoming a Marijuana User*, Becker tinha como objectivo explicar o percurso que um indivíduo novato percorre para se tornar e permanecer um consumidor regular da cannabis, através de uma experiência de aprendizagem com outros consumidores.

Segundo Becker (2008), para um novato tornar-se um consumidor regular da *cannabis sativa*, deve obedecer as seguintes etapas: 1) o novato não fica *high* logo a primeira vez que fuma a cannabis e, muitas vezes são usualmente necessárias para o novato atingir a esse estágio, daí que, ele precisa aprender a inalar de forma correcta para que a substância seja plenamente absorvida; 2) mesmo depois de aprender a técnica correcta de fumar, o novato não vai ficar *high* e, assim não forma uma concepção de droga como alguma coisa que pode ser usada por prazer, daí que precisa aprender a reconhecer os efeitos e relaciona-los ou liga-los ao uso da cannabis; 3) se o novato que já aprendeu a ficar *high* quer fazer o uso contínuo da cannabis, deve aprender a ganhar os prazeres dos efeitos da cannabis, isto porque a cannabis produz sensações que não são automática ou necessariamente prazerosas; 4) o novato deve aprender a lidar com os ambientes ou controles sociais que desaprovam a cultura da cannabis, através do desenvolvimento de estratégias de obtenção da cannabis, de garantir sigilo perante indivíduos não consumidores e de justificar, a si mesmo, o seu comportamento face à

condenação moral. Portanto, um novato precisa de percorrer essa trajectória disposicional e motivacional para que o consumo seja prazeroso.

Os estudos de Macrae, Simões e Becker, são relevantes para o nosso trabalho na medida em que nos ajudam a perceber o consumo da *cannabis sativa* como elemento e parte do processo de estruturação dos grupos, independentemente do estereótipo que se possa dar a prática desse consumo e, das suas respectivas relações sociais com os grupos socialmente convencionais.

Zinberg e Harding são outros autores que se destacam na abordagem interacionista sobre o uso de psicoactivos. Estes autores, focalizando integralmente nos aspectos farmacológicos, psicológicos e socioculturais, preocuparam -se muito com as formas de controlo social que permitem manter um consumo controlado de substâncias ilícitas (Zinberg e Harding, 1977)

Relativamente aos aspectos farmacológicos, o uso da *cannabis sativa* é menos ritualizado que os alucinógenos e opiáceos, pois, os rituais e sanções sociais variam com as farmacologias das drogas.

A cannabis é usada numa variedade de lugares e situações, antes do cinema, assistindo televisão, durante a caminhada na mata ou no bosque. Utentes controlados não se juntam intrinsecamente ou especificamente para o consumo da cannabis, eles se encontram para se socializarem e a droga é usada como um adjunto da ocasião (*idem*).

Para Zinberg & Harding, esta flexibilidade nos rituais é em parte devido a farmacologia da cannabis que é relativamente suave e menos tóxico que a coca e os opiáceos. Os consumidores da cannabis não encontram nenhuma dificuldade em controlar a “pancada” e são capazes de desempenhar normalmente as suas actividades, se necessário. Portanto, a “pancada” compatibiliza-se com a variedade de sectores, público ou privado.

A dimensão sociocultural possibilita a utilização de psicoactivos segundo um determinado padrão, através do desenvolvimento de sanções sociais – valores e regras de conduta – e de rituais sociais – estilos de comportamento – os quais, juntos, constituem os controlos sociais informais.

As sanções sociais indicariam como certa substância pode ser usada; essas sanções podem ser informais e compartilhadas por um grupo, ou então formalizadas por leis e regulamentos. Os

rituais sociais seriam os padrões estilizados de comportamentos prescritos em torno de uso de determinada substância.

Estão inclusos nesses rituais, os métodos de aquisição e consumo, a escolha do meio físico e social para o uso, as actividades associadas ao consumo e a maneira de evitar o contacto com efeitos negativos. Dessa forma, esses rituais serviriam como reforços e símbolos das sanções sociais.

Os trabalhos de Pais e Valentim, trazem abordagens da problemática das drogas que se complementam entre si e reforçam a nossa compreensão sobre a prática do consumo das drogas no geral.

Na sua obra intitulada *Culturas Juvenis*, Pais procura apreender e perceber a lógica social das articulações específicas entre por um lado, transformações económicas e, por outro lado, transformações concernentes às formas sociais, familiares e individuais da vida dos jovens. Pais advoga a necessidade de se penetrar nos meandros da vida quotidiana dos jovens de modo a se compreender os seus modos de vida, das suas sociabilidades e dos usos que fazem do tempo (Pais, s/d).

O consumo da droga toma significações diferentes segundo as especificidades culturais e experiências simbólicas dos diferentes grupos que o consumo da droga acaba por reforçar. Há os da “leve” e os da “dura”. Os primeiros ficam – se pelo haxixe, um derivado da cannabis, e os segundos aderem ao pó, à coca, aos brupex, uns são “ experimentadores “ outros são os “agarradinhos”(idem).

As sociabilidades desenvolvidas nas arcadas podem configurar – se como suporte de uma espécie de identidade negativa, de oposição, isto é, essas sociabilidades se estabilizam a partir de traços de identificação conjuntamente compartilhadas, dando suporte à formação e reconhecimento de uma identidade, como lugar de emulação e de afirmação de um modo diferente de estar no mundo (idem).

No seu trabalho, *Droga, Dependência e Sociedade*, (Valentim, 1998) propõe um estudo crítico sobre os modos de pensar as drogas. Segundo este autor, toda a dimensão clandestina e invisível da droga mostra quão redutor é acantonar esta estritamente no campo de “flagelo” e da “destruição”. Para Valentim, excluir a droga da ambivalência obscurece o facto de ser uma produção das nossas sociedades que faz coexistir diferentes modos de consumir,

diferentes modos de viver. O grau de socialização ou dessacralização não se reporta a droga, mas à relação significativa com esta.

Os efeitos das drogas não podem ser creditados exclusivamente às substâncias químicas que esta contém, sendo o resultado da interação de múltiplos factores como biológico, peso corporal do indivíduo e sua condição física; os psicológicos, suas motivações e atitudes, personalidade, humor e lembrança de experiências passadas; e finalmente os sociais e culturais – a natureza do grupo de usuários e sua performance ritual, o sistema simbólico compartilhado, a expectativa do conteúdo visionário e os adjuntos não verbais, como músicas, incensos, etc, assim como o sistema de crenças e valores dos consumidores (*idem*).

Portanto, concordando com Valentim, os problemas relacionados com as drogas ilegais derivam primacialmente dos contextos sócio – políticos que as enquadram, e não das suas propriedades farmacológicas.

Entendemos que não obstante os trabalhos acima apresentados tocarem na relação significativa que os indivíduos têm com o consumo ou uso de drogas, estes estudos não se preocupam com toda a lógica constituinte da construção da realidade social que liga grupos específicos à legitimação desses usos, daí que o nosso empreendimento sociológico procura preencher essa lacuna relativamente a construção da realidade social que liga o grupo rastafari a legitimar o uso da cannabis sativa, assim como mecanismo que o grupo usa para a manutenção da sua coesão social.

A abordagem que vamos usar neste trabalho é a de fórum construtivista. A abordagem construtivista nos permite conceber o grupo rastafári dentro de um quadro normativo próprio cujo simbolismo é construído, aceite e compartilhado pelos respectivos membros na sua interação quotidiana.

IV. PROBLEMA

De acordo com Almeida (*apud*, Faria et al., 2007), desenvolver a situação-problema envolve o estabelecimento da identificação das expectativas que estão em volta do problema. É, portanto, na expectativa de que o problema da construção da realidade social ligada a legitimação do uso da cannabis sativa pelo grupo rastafari, assim como a sua coesão social constitui um problema sociológico, cujo esforço para a persecução deste trabalho se move.

Segundo GPPCD (2008), devido as condições climáticas favoráveis, a *cannabis sativa* é cultivada em quase todo o território nacional, sendo no entanto, as províncias de Manica, Tete, Nampula, Cabo Delgado e Niassa as maiores produtoras.

De acordo com a resolução nº 15/2003 de 14 de Maio sobre a Política e Estratégia de Prevenção e Combate à Droga, a cannabis é a droga mais consumida em Moçambique e é consumida em regiões rurais ou zonas urbanas com uma população dotada de poucos recursos financeiros.

Segundo (GPPCD, 2009), os problemas decorrentes do consumo de drogas e da *cannabis sativa* em particular, são os transtornos mentais e do comportamento. Nas zonas urbanas o consumo da *cannabis sativa* associado às outras substâncias psicotrópicas assim como às bebidas de alto teor alcoólico disponíveis nos estabelecimentos comerciais, não só contribui para o aumento do consumo, como também para o recrudescimento de crimes conexos tais como: roubo, furto, violação, ofensas corporais, homicídios etc,

Ainda de acordo com GPPCD (2009), como indica a tabela 1, em 2009 as diferentes unidades sanitárias (com Serviços de Psiquiatria e Saúde Mental) atenderam um total de 2.125 pacientes com transtornos mentais e de comportamento, sendo a província de Sofala e Cidade de Maputo as que registaram maior número de pacientes atendidos. Em termos comparativos, em 2009, o número de pacientes assistidos no nosso país, superou o do ano de 2008 em mais 638 pacientes atendidos, o que representa um aumento em 42,9%.

Tabela 1: Pacientes com transtornos mentais e do comportamento por consumo de substâncias psicoativas

Províncias	2006		2007		2008		2009	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Cidade de Maputo	520	59,5	334	29,3	768	51,6	529	24,9
Maputo	0	0,0	168	14,7	81	5,4	133	6,3
Gaza	82	9,4	110	9,6	104	7,0	77	3,6
Inhambane	44	5,0	27	2,4	71	4,8	76	3,6
Sofala	26	3,0	116	10,2	29	2,0	530	24,9
Manica	36	4,1	63	5,5	88	5,9	172	8,1
Tete	28	3,2	83	7,3	34	2,3	182	8,6
Zambézia	55	6,3	34	3,0	107	7,2	96	4,5
Nampula	21	2,4	109	9,6	38	2,6	106	5,0
Cabo Delgado	39	4,5	57	5,0	138	9,3	102	4,8
Niassa	23	2,6	40	3,5	29	2,0	122	5,7
Total	874	100%	1.141	100%	1.487	100%	2.125	100%

Variação	267	346	638
----------	-----	-----	-----

Fonte: MISAU

Tabela 2: Pacientes com transtornos mentais e do comportamento por tipo de substância

Substância psicoactiva	2008		2009	
	Nº	%	Nº	%
Álcool	896	60,3	1023	48,1
Tabaco	22	1,5	45	2,1
<i>Cannabis sativa</i>	235	15,8	215	10,1
Opióides (heroína)	12	0,8	46	2,2
Cocaína	03	0,2	26	1,2
Solventes voláteis	08	0,5	00	0,0
Múltiplas	289	19,4	275	12,9
Hipnóticos	02	0,1	51	2,4
Alucinógenos	13	0,9	05	0,2
Substância não especificada	07	0,5	439	20,7
Total	1487	100%	2125	100%

Variação 638

Fonte: MISAU

As Tabelas 1 e 2 apresentam o número de pacientes com transtornos mentais e do comportamento decorrentes do consumo de substâncias psicoativas (de 2006 a 2009), e o número de pacientes com transtornos mentais e do comportamento por tipo de substância (de 2008 e 2009) respectivamente. Conforme ilustra a tabela 1, o álcool é a substância que leva o maior número (896 e 1023) de pacientes às unidades sanitárias enquanto a *cannabis sativa* figura como a segunda substância que mais leva os pacientes às unidades sanitárias.

Portanto, os dados trazidos pelo GPPCD, mostram-nos claramente que o consumo de drogas e da *cannabis sativa* em particular é um grande mal social que deve ser combatido, por isso, os seus consumidores ou grupos de consumidores são socialmente vistos como patológicos ou como fazendo parte de *subculturas* delinquentes.

Entretanto, estudos de (Cohen, 1975) mostram nos que uma subcultura delinqüente constitui uma *gang* que tem uma organização relativamente organizada, incluindo diferenciados papéis como de presidente, vice-presidente, chefe de guerra, armeiro.

A *gang* pode ser subdividida em *subgangs* na base de idade ou base territorial e pode ter alianças com outras *gangs*. Estas *gangs* têm nomes, um forte senso de corporativismo identitário, uma personalidade pública, ou “*rep*” no mundo da *gang*. A *gang* é identificada em território ou área que controla, a qual tenta defende-la ou expandi-la.

O status do membro da *gang* é largamente determinado pela sua tenacidade e disposição para o engajamento no conflito físico com outras *gangs* e sua proeza nas lutas inter-*gangs*. Embora a luta ocupe mais uma pequena porção do tempo do grupo, a coragem na luta é a virtude mais premiada e mais determinante da posição dos membros da *gang*, dentro da *gang* bem como entre outras *gangs*.

Uma das características gerais de uma subcultura delinqüente é a sua ligação com o consumo de álcool, drogas, promiscuidade sexual, apostas, roubo, vandalismo, etc. Tais *gangs* incluem uma larga diferença de idade. As *gangs* são concentradas nas secções da cidade que são altamente moveis, classe trabalhadora, empobrecida, e caracterizada por uma alta variedade de índices de desorganização (*idem*).

Os estudos de Cohem acreditam que uma subcultura que se centre em volta do uso de drogas narcóticas possui um modo de vida bastante distinto. Os estudos assumem que o vício de drogas e criminalidade andam lado a lado, que o vício surge em comunidades onde a delinqüência já é endêmica, embora a maioria de jovens drogados não fosse delinqüente, antes do seu vício.

Não obstante os dados do GPPCD nos indicarem os transtornos mentais e comportamentais ligados ao consumo da *cannabis sativa*, entendemos que não se pode fazer uma generalização de causa e efeito entre o consumo daquela substância e os respectivos transtornos, porque tal como vimos na contextualização, segundo pesquisas científicas a *cannabis sativa* pode activar ou despertar problemas mentais já existentes nos seus consumidores.

O tabaco e o álcool são substâncias psicoactivas que se usam e de que se abusam em plena legalidade e com o aval da lei e da família. Acessível também às crianças e adolescentes, o *marketing* publicitário é um dos meios usados para a promoção das bebidas alcoólicas.

Concordando com (Olievenstein, s/d), num contexto real, o álcool mata e enlouquece mais pessoas do que as drogas, consideradas como as mais perigosas ou agressivas. Para este autor, não é inegável a perigosidade das drogas, porém o seu perigo pode ser um pretexto social, consoante se trata de um consumo de massa e é ou não legal.

O problema importante não é o uso de drogas ou da cannabis em particular, mas sim do seu abuso. Há mais uso e abuso do álcool e tabaco do que as drogas. No aspecto patológico, o álcool trata-se de uma patologia de adulto, ao passo que para as drogas, trata-se de uma patologia de adolescente, o que explica a sua gravidade (*idem*).

Olievenstein considera a sociedade de hipócrita por tolerar e encorajar o consumo do álcool, enquanto os problemas de dependência e servidão são quase os mesmos para o toxicômano e alcoóletra (por isso o autor advoga a denúncia dessa tolerância e encorajamento), quer se trate da dependência física ou psicológica. Por exemplo, conforme ilustra a tabela 2, em Moçambique foram diagnosticados 896 e 1023 pacientes com transtornos mentais e do comportamento em 2008 e 2009 respectivamente, devido ao consumo de álcool. Todavia, nos mesmos anos respectivamente, foram diagnosticados 235 e 215 dos pacientes com os mesmos problemas devido ao consumo da *cannabis sativa*. Portanto, estes dados podem ser uma expressão da maior perigosidade do álcool em relação à *cannabis sativa*.

A cirrose do fígado é um entre tantos problemas de saúde causados por álcool (*idem*). Entretanto, os relatórios moçambicanos sobre o consumo de drogas não possuem nenhum problema reportado desta patologia. Para o caso concreto da cidade de Maputo, nos bairros suburbanos em particular, há indícios do problema da saúde física devido ao facto de os maiores consumidores (alcoóletras) de álcool, especificamente da Tentação, Boss, Double Punch, Dom Barril (bebidas de maior teor alcoólico) apresentarem-se fisicamente débeis e com faces inchadas.

Em conexão com o consumo destas bebidas verifica-se também uma aceleração da velhice dos seus maiores consumidores, chegando a se confundir as idades destes. Prostrados ao relento e a proferir discursos desconexos, é relativamente fácil identificar alguns consumidores das bebidas alcoólicas acima referidas.

Outros problemas não menos percebidos que nos últimos anos têm ceifado muitas vidas nas estradas moçambicanas, são os acidentes de viação, estes são também originados pela condução no estado de embriaguês.

Concordando com (Olievenstein, s/d), o consumo de álcool e de drogas tem o mesmo sentido, o homem procura substâncias modificadoras do seu espírito e em seguida inclui essas substâncias num certo número de ritos sociais. “Talvez trata-se de uma necessidade instintiva de aliviar o sistema nervoso dos problemas psíquicos que experimentamos no nosso quotidiano”. Todavia, a atitude social é variante e variável perante a variedade das substâncias.

Como podemos nos depreender, fora de um problema substantivo, o problema da cannabis sativa é também um problema ideológico e cultural, isto é, os dados nos indicam os problemas dos transtornos mentais e comportamentais advindos do consumo da cannabis sativa, por essa razão, a grande preocupação social em combater o seu tráfico e consumo assim como os seus grupos consumidores.

Os dados também nos indicam que o álcool e o tabaco são outras substâncias psicoativas perigosas que são consumidas no país, entretanto, estas substâncias não sofrem a mesma sanção social como a cannabis sativa, ou seja, elas não são criminalizadas.

Em alguns distritos das províncias de Sofala, Manica, Tete, e outros da zona norte de Moçambique a cannabis é preparada de diversas maneiras e consumida como medicamento para o tratamento de diversas enfermidades ou doenças, é o caso da epilepsia; a cannabis é usada para o combate ou defesa contra os maus espíritos assim como para a prática de rituais tradicionais. A cannabis é também usada como estimulante no trabalho da machamba.

Para o grupo rastafari localizado na cidade de Maputo, o consumo da cannabis é uma prática quotidiana e cultural, razão pela qual este grupo consome e defende o seu consumo. Segundo este grupo, a cannabis é consumida (fumar, condimento na comida) e usada para a purificação e relaxamento da mente, é usada para repelir os maus espíritos, é usada como planta medicinal e fumada durante as manifestações político-religiosas denominadas *Niyabinghi*⁴.

4 Uma organização formada no tempo da invasão da Etiópia. Sua conotação é “Morte a opressores negros e brancos

Portanto, entendemos que o consumo da cannabis desempenha uma função que responde as necessidades de algumas comunidades moçambicanas ou do grupo social referido e se encontra subjacente nas estruturas dessas comunidades ou grupos.

Entretanto, os consumidores da *cannabis sativa* encontram-se em conflito com a lei e com a sociedade moçambicana englobante devido aos transtornos mentais e comportamentais, aparentemente advindos deste consumo, por isso, para se livrarem deste problema ideológico (como vimos atrás) os rastafaris acabam criando práticas e estratégias ideológicas que lhes permitem por um lado, consumir e defender a cannabis e, por outro lado essas práticas e estratégias funcionam também como um mecanismo de coesão do grupo.

Com estas constatações, a nossa principal inquietação consiste em perceber a lógica da construção da realidade social do grupo rastafari que o liga a legitimação do uso da cannabis sativa, assim como à sua coesão social.

4.1.1 Pergunta de partida.

Que prática os rastafaris desenvolvem para garantir a continuidade do consumo da cannabis sativa e sua coesão social perante as hostilidades da sociedade englobante?

4.1.2 Hipóteses:

Os rastafaris desenvolvem o *Nyabinghi* de forma a garantir e legitimar a continuidade do consumo da *Cannabis Sativa*.

A prática do *Nyabinghi* actua como um mecanismo que permite a coesão social do grupo rastafari, fortificando dessa maneira, a sua coesão social.

4.1.3. Objectivo geral.

- ❖ Compreender o *Nyabinghi* na sua relação com a legitimação do consumo da *cannabis sativa* e na coesão social dos rastafaris.

4.1.4 Objectivos Específicos.

- Descrever e caracterizar o perfil socioeconómico dos rastafaris;

- Captar o conjunto de concepções e sentimentos que os rastafaris têm sobre o consumo da cannabis sativa;

- Demonstrar o *Nyabinghi* como dimensão religiosa que legitima o uso da cannabis sativa.
- Relacionar a prática do *Nyabinghi* à coesão social e reforço da coesão social do grupo rastafari.

4.2 Relevância sociológica.

Em Moçambique, estudos científicos sobre drogas estão maioritariamente virados para as drogas no sentido lato, isto é, sem especificação entre os vários tipos que são consumidos no interior do país. Os estudos não indicam possíveis estratos sociais e grupos específicos que estão ligados ao consumo de determinados tipos de drogas.

Se por um lado, um estudo lato das drogas nos proporciona uma generalização das causas e efeitos comportamentais, por outro lado, os tipos de drogas estarão associados a determinadas subculturas. Há uma grande necessidade de estudos de caso de “subculturas delinquentes” ligadas ao consumo de drogas ou específicos tipos de drogas incluindo descrições detalhadas da qualidade específica da sua delinquência e o contexto comportamental e a regulamentação comunitária dessas delinquências.

Assim, propomo-nos a fazer um estudo que relacione o consumo da *cannabis sativa* e “subcultura delincente”, neste caso, a subcultura rastafári. Pretendemos mostrar com este estudo, a prática que sustenta este consumo, em simultâneo com a reprodução do respectivo grupo num mundo que lhe sujeita a discriminação e estigmatização .

Torna – se relevante estudar o consumo da cannabis, pelo facto de ser uma substância psicoactiva que se localiza numa hierarquia farmacológica normativa das drogas ilegais mais consumidas em Moçambique, tendo em conta que há uma relativa ausência do conhecimento por parte da sociedade moçambicana englobante dos factores de ordem cultural que envolvem o seu consumo. Portanto, em Moçambique, o consumo da cannabis é normativamente ligado à delinquência.

V. QUADRO TEÓRICO E CONCEPTUAL.

A explicação de factos sociais não se faz de forma descontextualizada. Sempre que olhamos para o social fazemo-lo a partir de uma certa perspectiva."A perspectiva é como uma lente as lentes de óculos: a realidade assume a cor das lentes; se forem verdes, ela será verde; se forem escuras, a realidade, por mais claro que esteja o dia, será também escura.

Elísio Macamo, 2004:22

É no âmbito destas proposições que no presente capítulo procuramos trazer um quadro teórico com o objectivo de fazer um estudo do nosso objecto de forma sistematizada e disciplinada. Visto que o nosso trabalho se dirige para a compreensão de uma prática que legitima o consumo da cannabis sativa e coesão social do grupo em causa, o nosso quadro analítico será o *construtivismo social* de Berger e Luckman. O construtivismo social ajuda – nos a compreender como é que a legitimação do consumo da cannabis através do Nyabinghi, uma realidade social, é construída.

Para compreender a base do conhecimento da vida quotidiana, o esquema analítico de (Berger e Luckmann, 2004) parte da concepção de que a sociedade é um processo dialéctico entre a realidade objectiva e a realidade subjectiva. Desta forma, Berger e Luckmann desenvolvem a teoria das instituições, legitimação e socialização.

A legitimação “explica” a ordem institucional atribuindo validade cognitiva aos seus significados objectivados. A legitimação justifica a ordem institucional, dando dignidade normativa aos seus imperativos práticos. A legitimação tem um elemento cognitivo bem como outro elemento normativo. Por outras palavras, a legitimação não é apenas um elemento de gestão de “valores”, a legitimação implica também conhecimento.

O esquema analítico de Berger e Luckmann mostra a precedência do conhecimento sobre os valores. Este esquema analítico distingue quatro níveis de legitimação. A *legitimação incipiente* é presente logo que é transmitido um sistema de objectivações linguísticas da experiência humana. A *legitimação incipiente* é o primeiro nível de legitimação no qual pertencem as afirmações tradicionais simples do género, “é assim que as coisas se fazem” como primeiras e, em geral eficazes respostas ao “porquê” das crianças.

O *primeiro nível* de legitimação é pré-teórico, mas é a base do “conhecimento” auto evidente, sobre o qual se devem apoiar todas as teorias subsequentes e que estas, por sua vez, devem atingir para poderem ser incorporadas na tradição.

O *segundo nível* de legitimação contém proposições teóricas em forma rudimentar. Aqui podem ser encontrados vários esquemas explicativos que relacionam conjuntos de significados objectivos. Estes esquemas são muito pragmáticos, referindo-se de modo directo as acções concretas. Os provérbios, as máximas morais e adágios religiosos são comuns neste nível. Neste nível, as lendas e histórias são também transmitidas sobre forma poética.

O *terceiro nível* de legitimação contém “teorias explícitas”, um corpo diferenciado de “conhecimentos”, oferecendo um “quadro de referência” amplo para a conduta institucionalizada. Integram neste nível explicações orientadas para justificação de determinados usos (exemplo, ritos de iniciação). Devido à complexidade e diferenciação, estas teorias são muitas vezes confiadas a um pessoal especializado que as transmite por meio de procedimentos formalizados de iniciação.

O *quarto nível* é representado pelos universos simbólicos, isto é, pelas totalidades de significado que integram diferentes sectores da ordem institucional, numa estrutura de referência global. Trata-se de teorias de tipo geral, que tornam inteligíveis as esferas de significado, que de outro modo permaneceriam isoladas e incompressíveis da realidade da vida quotidiana. Exemplos destas teorias podem ser as teorias da natureza humana ou da vida, que dão explicações acerca do destino humano, da dor, da morte; as teorias da história e da política; as teorias cosmológicas.

Dois conceitos são a base para formulação da teoria de Berger e Luckmann: *realidade* uma qualidade pertencente a fenómenos que conhecemos terem existência, independentemente da nossa vontade; *conhecimento* “certeza que os fenómenos são reais e possuem características específicas”

Para estes autores, a sociedade é analiticamente concebida em duas dimensões: a sociedade como realidade objectiva e a sociedade como realidade subjectiva. Os autores defendem o argumento segundo o qual a realidade é construída socialmente e que a sociologia do conhecimento deve analisar o processo da sua ocorrência, através do entendimento da história

da sua produção, em termos de exteriorização, objectivação e interiorização (Berger e Luckmann, 2004)

A sociedade como realidade objectiva compreende a objectivação ou a criação de uma determinada realidade, isto é, o processo pelo qual se criam as instituições. Este processo ocorre sempre que há tipificação recíproca por tipos de actores, de acções tornadas hábitos. O processo consiste na tradução dos elementos culturais (ideias, símbolos, valores) em normas, papéis, regras que exercem um controle directo sobre a acção e interacção dos membros de uma colectividade. Portanto as instituições implicam a historicidade e controle.

Todavia, o mundo institucional cristalizado é apreendido como uma realidade objectiva, ou seja, vivenciado como facto exterior coercitivo, visto que tem “uma história que antecede o nascimento do indivíduo e não é acessível a sua lembrança biográfica. Já existia antes dele ter nascido e continuará a existir depois dele morrer” (Berger e Luckmann 2004, p71).

Esses processos de cristalização das instituições levam a um mundo de produtos teóricos, porém, não perde suas raízes no mundo humano de forma que as instituições são “*produtos sociais que têm uma história*”.

O que acontece é que continuamente o homem encontra-se numa relação dialéctica com a realidade que a produz, isto é, o homem e a realidade social actuam reciprocamente um sobre o outro. Contínua e Paradoxalmente, o homem é capaz de produzir uma realidade que o nega.

A sociedade como realidade subjectiva está relacionada ao processo da socialização através da interiorização das instituições. A interiorização é a “apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objectivo como exprimindo sentido, isto é, como manifestação de processos subjectivos de outrem, que assim se torna, em termos subjectivos, significativos para mim” (Berger e Luckmann, p137).

No entanto, a interiorização corresponde ao processo de socialização, no qual o indivíduo introduz na sua consciência um conjunto de conhecimentos do mundo objectivado e o quadro normativo também objectivado. A interiorização constitui a base, primeira para a compreensão entre indivíduos, segunda, da apreensão do mundo como realidade significativa e social (idem).

A apreensão da realidade social não resulta de criações autónomas de significados por indivíduos isolados, mas começa com o indivíduo a “assumir” o mundo no qual os outros já vivem. Portanto, só depois de ter alcançado esse grau de interiorização é que o indivíduo se torna membro da sociedade.

Entretanto como facticidade humana, a realidade social pode ser recriada pelo indivíduo através da reificação. Sendo produto do intelecto humano, a reificação não é produto restrito do homem intelectual.

Deste modo, o construtivismo social de Berger e Luckmann é o quadro analítico que adoptamos para o nosso trabalho. O construtivismo nos permite compreender como o indivíduo, em seu modo particular de ser e com suas representações constituintes de seu mundo simbólico acerca da realidade, vai se configurando numa relação dialéctica que se dá entre ele e a sociedade em que se insere, por meio de um processo em que tanto sua subjectividade quanto a sociedade vão se construindo mutuamente.

5.1. Definição dos Conceitos.

Os conceitos: cultura, grupo social, religião, exclusão social e coesão social são centrais para a nossa pesquisa, por isso passaremos de seguida a defini-los e operacionalizá-los.

5.1.1. Grupo social.

Segundo Ficher (*apud* Lakatos, 2006), grupo social é uma coletividade identificável, estruturado, contínuo, de pessoas sociais que desempenham papéis recíprocos, segundo determinadas normas, interesses e valores sociais, para consecução de objectivos comuns.

Existem três classificações de grupos: *grupos primários*, *grupos secundários* e *grupos de referência*. Entretanto, para os nossos propósitos, adoptamos o grupo primário.

De acordo com Cooley (*apud* Lakatos, 2006), *Grupo primário* é caracterizado por uma íntima cooperação e associação face a face. É exemplo da família, onde costuma haver respeito, lealdade, cooperação e um grande envolvimento emocional. O grupo de amigos também é exemplo típico. O conceito de grupo nos permite identificar os rastafaris dentro de uma estrutura onde há partilha de mesmos valores, símbolos, objectivos, etc.

5.1.2. Cultura.

Sintetizando concepções de Taylor e Malinowski, para Thomposon (1990), cultura de um grupo ou sociedade é um conjunto de crenças, costumes, idéias e valores, bem como artefactos, objectos, e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros desse grupo ou sociedade.

Ainda na inspiração de Taylor e outros autores, (Rocher, 1989), define cultura como um conjunto ligado de maneiras de pensar, de sentir, de agir mais ou menos formalizadas, sendo aprendidas e partilhadas por uma pluralidade de pessoas, servem de uma maneira simultaneamente objectiva e simbólica, para organizar essas pessoas numa colectividade particular e distinta.

Embora de formas diferentes, os conceitos trazidos pelos dois autores têm aspectos em comum ou nos conduzem a uma compreensão unívoca do termo, isto é, das duas definições, entendemos que cultura é fenómeno de grupo e é adquirido através da aprendizagem.

Um aspecto implícito muito importante que estes conceitos têm e que, por isso, é útil para o nosso trabalho, tem a ver com o conjunto de necessidades, isto é, para um conjunto ilimitado de necessidades, os meios para a sua satisfação são adquiridos e partilhados de acordo com os contextos socioculturais. Portanto, estes conceitos nos permitem ver o consumo da cannabis e a sua legitimação dentro de um contexto sociocultural específico.

5.1.3. Religião.

Para Marx (*apud* Crespi, 1997) o conceito de religião está ligado à ideologia. Por sua vez a ideologia é concebida por Marx como representações ilusórias da realidade que servem para ocultar as efectivas contradições daquela e para legitimar os interesses do poder constituído. Dai, Marx concebe a religião como o reflexo e o revestimento da desigualdade social e das oposições objectivas dos interesses de classes.

Segundo Marx, a religião é uma teorização que oculta a relação entre as formas do pensamento e os seus efectivos condicionamentos históricos sociais, cuja função é justificar a ordem constituída e orientar as frustrações próprias dos indivíduos no sentido de ideias abstractas (a vida no além, a racionalidade, a justiça etc), de modo a afrouxar as tensões conflituais presentes na sociedade e manter o consenso (*idem*).

Portanto, para Marx, a Religião é o ópio do povo porque as crenças e valores religiosos por um lado põem o indivíduo numa situação de conformismo e por outro lado justificam muitas desigualdades de riqueza e de poder.

Durkheim (2008), define a religião em termos da distinção entre o sagrado e o profano. Para Durkheim a religião é antes de tudo um “sistema de crenças e de práticas”. A religião é um fenómeno colectivo e todas as crenças morais colectivas são dotadas de um carácter sagrado.

É, portanto o conceito de Durkheim que adoptamos para o nosso trabalho visto que o mesmo nos ajuda a compreender o impacto que o Nyabinghi tem na vida quotidiana do grupo rastafari, na sua maneira de pensar, agir e sentir.

5.1.4. Coesão Social.

Por sua vez o conceito de *coesão social* vai ser aqui percebido como sendo a dialéctica entre mecanismos instituídos de inclusão e exclusão social e as respostas, percepções e disposições dos indivíduos diante do modo como tais mecanismos funcionam, portanto, a coesão social vai determinar o sentimento de união e pertença a uma colectividade (Rodrigues, 1978).

Portanto, por *coesão social* entendemos o vínculo emocional existente entre os membros de uma colectividade, vínculo este que une os indivíduos para que se constituam numa única unidade sociológica, tal como a colectividade rastafari que procuramos estudar (Olson *et al*, 1983).

5.1.5. Exclusão Social.

Segundo Ferreira (2004), a definição teórica da exclusão envolve dois problemas essenciais: o *primeiro*, o da identificação de uma situação “normal”, ou média, abaixo da qual poderemos considerar os indivíduos como “excluídos” (ou “desfavorecidos”); o *segundo*, o da definição do critério da exclusão – deveremos especificar se lidamos com os níveis de rendimento, com direitos sociais, ou acesso a igualdade política. Entretanto, para Girold (apud Ferreira, 2004), definir o que constitui modo “normal” de existência num dado país e numa dada época terá de ser “arbitrário”.

Portanto, a situação de exclusão pode ser definida como um oposto à “integração social”. A impossibilidade em participar das principais organizações e instituições da sociedade representa uma “exclusão”: esta pode referir – se as instituições econômicas (acesso a emprego, profissão e rendimento); política (direito ao voto, elegibilidade); e a não participação num conjunto de outras relações sociais: associações (desportivas, recreativas), vida familiar (isolamento) e relações de amizade, por exemplo (*idem*).

Portanto, o conceito *exclusão social* permitir-nos observar a questão da interação, integração ou participação e acesso dos rastafaris às instituições formais e informais da sociedade, com particular destaque para a família, vizinhança, polícia, hospital e emprego.

VI. METODOLOGIA.

No presente capítulo, procuramos mostrar os procedimentos que usamos para a recolha de dados. Neste capítulo também serão apresentados os constrangimentos ou limitações que tivemos para a recolha de dados.

De acordo com Crespi (1997), na observação dos processos e das instituições culturais é imprescindível o esforço do pesquisador em fazer uma consciente relação entre o horizonte cultural ao qual pertence, através da formação disciplinar que o orienta e, com as particulares formas que orientam a acção dos indivíduos os quais pretende estudar. Portanto, é na nossa orientação disciplinar, na relação com as formas particulares que orientam o agir do nosso grupo alvo que se tomou particular atenção durante a recolha de dados.

A revisão da literatura e as entrevistas exploratórias constituíram as primeiras fases do presente trabalho. A primeira preocupação era encontrar uma literatura científica moçambicana que abordasse sobre a situação do consumo da cannabis em Moçambique, porém, infelizmente, encontramos apenas duas pesquisas (já referidas na justificativa) que tratam marginalmente do consumo da *cannabis sativa*.

São dois tipos de pesquisas que efectuamos para o presente trabalho. Visto que o nosso objecto de estudo é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (Gil, 1991), propusemo-nos a fazer uma *pesquisa exploratória*, na qual acreditamos que este problema tornar-se-á mais esclarecido e passível de investigação mediante procedimentos sistematizados.

Com o objectivo de estudar as características do grupo rastafari, sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, opiniões, atitudes e crenças relativamente ao consumo da cannabis sativa, neste trabalho, a pesquisa exploratória juntou-se à pesquisa descritiva (*idem*).

Segundo Goldenberg (1997), o método consiste na observação sistemática dos fenómenos da realidade através de uma sucessão de passos orientados por conhecimentos teóricos, buscando explicação da causa desses fenómenos, suas correlações e aspectos não revelados.

A característica essencial do método científico é a investigação organizada, o controle rigoroso das observações e a utilização de conhecimentos teóricos.

Como método de abordagem, usamos o *método indutivo*, e quanto ao procedimento, usamos o *método histórico*.

Para a recolha de dados, usamos o método: *qualitativo*, de modo a captar o conjunto de significações, concepções e crenças que os rastafaris atribuem ao consumo da cannabis (Crespi, 1997).

Embora partindo da constatação da relativa frequência de um comportamento, o método qualitativo trata da interpretação e avaliação com base na intencionalidade dos actores sociais e nas influências a que estão submetidos, individualizando os particulares processos que, relativamente a valores, modelos ou regras, contribuem, na situação específica, para a construção de uma determinada realidade. É portanto, o método qualitativo que usamos na nossa pesquisa (*idem*).

Embora *histórias de vida* ser uma técnica dependente das percepções subjectivas, tanto do narrador como do observador, tal constitui uma fonte directa de informações que podem ser de grande importância para o estudo empírico da relação entre indivíduo e sociedade e relativamente aos mecanismos através dos quais operam os modelos culturais (*idem*), por isso tal constitui nossa técnica para a recolha de dados. As histórias de vida foram acompanhadas por um inquérito por questionário com perguntas semi-estruturadas.

As técnicas não *reactivas*, prevendo a *observação não participante*, assim como a observação directa nos permitiram captar os efeitos imediatos, conjunto de significados que os rastafaris têm sobre o consumo da cannabis sativa (*idem*). Portanto, estas duas técnicas nos permitiram vivenciar a prática deste consumo, visto que, por exemplo, dentro do espaço da congregação rastafari, o consumo da cannabis é exaltado e é feito livremente, “abertamente” e sem nenhum medo da polícia nem de quaisquer pessoas.

A *observação não participante* teve lugar na congregação dos rastafaris localizada no bairro Intaka, no município da Matola e a aplicação de um guião de entrevistas semi-estruturado aos membros da congregação de Intaka foi feita nas suas residências, na cidade de Maputo e sua

periferia (bairros: Malhangalene, Polana Caniço A, Polana Caniço B, Maxaquene C, Magoanine, Zimpeto e Intaka).

Participando do Nyabinghi, vinte e cinco (25) a trinta (30) rastafaris a cada encontro de manifestação, o nosso objectivo era ter uma amostra feita por 25 pessoas entre homens e mulheres com idades iguais ou superiores a dezoito (18) anos, porém, só conseguimos ter uma amostra de 18 pessoas com idades iguais ou superiores a vinte e dois (22) anos, todas do sexo masculino.

Pretendíamos ter uma amostra com indivíduos de ambos os sexos com idades iguais ou superiores aos dezoito anos, visto que dezoito (18) anos de idade corresponde a uma fase crucial na formação da personalidade do indivíduo. Das dezoito (18) pessoas entrevistadas, são seis as *histórias de vida* que escolhemos para a nossa análise, pelo facto de os respectivos informantes terem contado de forma relativamente sistemática e o seu tempo de frequência no Nyabinghi ser mais longo em relação aos outros.

Como constrangimentos, enfrentamos diversos constrangimentos, desde o capital financeiro para financiar a pesquisa, a indisponibilidade de material científico bibliográfico que aborda especificamente a situação moçambicana do consumo da cannabis e a disponibilidade dos membros rastafaris para persecução das entrevistas, o que veio a atrasar a elaboração do relatório final.

Uma reportagem sobre o rastafarismo feita e apresentada pelo canal televisivo Miramar no ano corrente, constituiu um motivo para algumas mulheres rastafaris não aderirem às entrevistas. Algumas não aceitaram simplesmente porque segundo elas não tinham conhecimento profundo ou suficiente sobre a identidade rastafári. Não só algumas mulheres não aderiram devido à reportagem da Miramar que, segundo elas foi “difamatória” como também alguns homens mostraram dificuldades antes das entrevistas. Definitivamente, devido à “difamação” da Miramar, alguns homens também não aderiram às entrevistas.

VII. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.

7.1 Caracterização dos entrevistados.

O presente subcapítulo tem como objectivo apresentar o perfil sócio-demográfico dos nossos entrevistados. Aqui nos interessam as seguintes variáveis: sexo, idade, nível escolar, ocupação profissional, zona residencial, idade de início do uso da cannabis sativa, número de anos de permanência no uso da cannabis, idade de entrada no *Nyabinghi* e número de anos de entrada ao *Nyabinghi*.

Relativamente ao sexo, tal como ilustra o quadro abaixo, dito na metodologia, somente foi possível entrevistar 18 indivíduos do sexo masculino. Tentativas para as mulheres darem entrevista deram no fracasso, pois das três mulheres que participavam do *Nyabinghi* durante as observações uma não aceitou a entrevista devido a reportagem sobre o rastafarismo feita e apresentada pelo canal televisivo Miramar que, segundo a mesma foi difamatória por isso não podia dar mais entrevista a qualquer pessoa que fosse.

As duas outras mulheres não aderiram às entrevistas porque segundo elas, não tinham conhecimento suficiente a dar sobre o rastafarismo. É de referir que não só estas mulheres não aderiram as entrevistas devido a reportagem da Miramar e à falta de conhecimento suficiente sobre o rastafarismo como alguns homens também não aderiram devido ao mesmo facto.

Tabela 3: Distribuição dos entrevistados por sexo.

Sexo	Número de entrevistados
Masculino	18
Feminino	0

Relativamente as idades, a maior parte dos nossos entrevistados encontram-se na faixa etária entre os 26 e os 30 anos, enquanto a menor parte se verifica entre os 22 e os 25 anos. Há, no entanto, maior concentração entre os 26 e os 30 anos de idade.

Tabela 4: Distribuição dos entrevistados por idades.

Idade	Número de entrevistados
22 – 25	3
26 – 30	7
31 – 35	6
36 – 40	2

Entendemos que houve uma maior influência do Estado moçambicano e do desenvolvimento dos meios de comunicação na concentração dos nossos entrevistados nestas idades.

Considerando a identidade rastafari como uma identidade africana com seu resgate e despertar na Etiópia através dos ensinamentos de Haile Selassie I, a sua propagação e aceitação em Moçambique é uma questão que têm levado um tempo relativamente lento devido aos constrangimentos ligados ao acesso de informação, discriminação e estigmatização pelo estado moçambicano e sociedade englobante.

Devido a forte presença, controle e vigilância do estado socialista no dia a dia da vida dos moçambicanos, assim como a falta de desenvolvimento dos meios de informação e comunicação, as chamadas tecnologias de informação e comunicação (T.I.C.) como a televisão e o computador, em Moçambique a identidade começa a ter sua maior propagação e aceitação na década de 1990.

Embora a maioria dos entrevistados ter começado a usar a cannabis antes de frequentar o *Nyabinghi*, como se pode calcular através dos quadros abaixo, só a partir dos finais da década de 1990 e inícios dos anos 2000 é que eles começam a se organizar em núcleos e praticar o *Nyabinghi*, nas idades compreendidas entre os 16 e os 26 anos.

Portanto, é devido a estes constrangimentos que a identidade rastafari tem uma propagação e aderência tardia em Moçambique.

Tabela 5: Idade da entrada ao uso da cannabis sativa.

Idade da entrada no uso da cannabis	Número de entrevistados
7 – 10	1
11 – 15	6
16 – 19	10
20 – 21	1

Tabela 6: Idade da entrada ao *Nyabinghi*.

Idade da entrada no <i>Nyabinghi</i>	Número de entrevistados
16 – 20	7
21 – 25	9
26 – 29	2

Não obstante a maior parte dos nossos entrevistados terem começado a usar a cannabis a frequentarem a escola, eles continuaram a frequentar a escola. Como ilustra a tabela 10, as categorias com 5^a a 7^a classes e as categorias com 11^a a 12^a são as que têm o maior e igual número de entrevistados. Ambas as categorias têm 6 entrevistados. Na categoria de analfabetos, que é a categoria com menor número de entrevistados, só temos um entrevistado.

Tabela: 7 Distribuição dos entrevistados por nível escolar.

Nível de escolaridade	Número de entrevistados
Analfabeto	1
5 – 7	6
8 – 10	5
11 – 12	6

Quanto à *ocupação profissional*, à excepção de 2 entrevistados que se encontram sem ocupação, a maior parte dos entrevistados encontram-se a desempenhar as suas actividades económicas no sector informal, nas áreas das artes plásticas, música, artesanato, construção, comércio, fotografia. Com três entrevistados para cada, as artes plásticas, o comércio informal e artesanato são as actividades que ocupam a maioria dos nossos entrevistados. Um

(1) rastafari formado como professor do ensino básico, trabalha em regime de contracto temporal como recolector de dados na empresa CETA (empresa de construção civil). Um (1) rastafari formado em áudio visuais trabalha voluntariamente como professor de artes plásticas na B.O. (Cadeia Civil de máxima segurança).

Tabela8: Distribuição dos entrevistados por actividade económica.

Ocupação profissional	Número de entrevistados
Artista plástico	3
Comerciante informal	3
Artista plástico e músico	2
Artista plástico e pedreiro	2
Artesão	3
Professor de artes plásticas	1
Professor de ensino básico	1
Fotografo	1
Sem ocupação	2

Os níveis escolares aliados à problemática de emprego em Moçambique, são as causas que levam os nossos entrevistados a desempenharem as suas actividades económicas no sector informal. Embora a maior parte dos nossos entrevistados terem tido problemas na polícia, família, vizinhança devido ao facto de usarem a cannabis sativa, nenhum deles relatou o problema de exclusão nos sectores formais de emprego devido a este uso, o que nos leva a concluir tal como concluiu Tembe (2009) que os rastafaris não são necessariamente excluídos no sector formal de emprego, porém, alia-se o problema da falta de requisitos académicos para a sua inclusão.

Relativamente aos rendimentos económicos diários ou mensais, os nossos entrevistados não puderam nos informar acerca deles. Maior parte dos rastafaris entrevistados tem rendimentos económicos esporádicos e baixos, daí que não conseguem fazer poupanças. Maior parte dos nossos entrevistados gasta todos os seus rendimentos nas despesas diárias. Dos dezoito (18) entrevistados, apenas sete (7) possuem poupanças. Dos sete (7) entrevistados que fazem

poupanças, quatro (4) possuem contas bancárias e *Xitique*⁵, dois (2) possuem apenas contas bancárias e um (1) apenas faz *xitique*. Nenhum entrevistado possui automóvel e, apenas um entrevistado possui uma bicicleta.

Quanto a zona de residência, a maior parte dos nossos entrevistados vive nos bairros periféricos da cidade de Maputo. Como se indica na tabela abaixo, Maxaquene e Polana Caniço são os bairros onde reside a maioria dos nossos entrevistados, cinco (5) para cada bairro. Apenas dois (2) entrevistados vivem no centro da cidade, nomeadamente o bairro da Malhangalene.

Tabela 9: Distribuição dos entrevistados por bairros de residência.

Zona de residência	Número de entrevistados
Bairro Malhangalene	2
Bairro Polana caniço	5
Maxaquene	5
Bairro de Inkata	2
Bairro Magoanine	1
Hulene	2
Zimpeto	1

7.2. Interiorizando o consumo da cannabis sativa

No presente subcapítulo temos como propósito mostrar os ambientes sociais que possibilitaram a entrada dos nossos entrevistados ao mundo do consumo da cannabis. Intermediada pelo facto social, a relação significativa que os usuários da cannabis travaram com a mesma é por nós percebida como factor fundamental que permitiu a continuidade dos nossos entrevistados neste consumo.

A sociedade como realidade subjectiva está relacionada ao processo da socialização através da interiorização das instituições. A interiorização é “apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objectivo como exprimindo sentido, isto é, como manifestação de

⁵ Uma forma de poupança informal predominante no sul de Moçambique

processos subjectivos de outrem, que assim se torna, em termos subjectivos, significativos para mim” (Berger e Luckmann, 2004, P137).

A apreensão da realidade social não resulta de criações autónomas de significados por indivíduos isolados, mas começa com o indivíduo ao “assumir” o mundo no qual os outros já vivem. Portanto, só depois de ter alcançado esse grau de interiorização é que o indivíduo se torna membro da sociedade (idem).

Os grupos de pares, membros familiares que usavam a cannabis influenciaram os nossos entrevistados na utilização desta. Era usada para vários fins, como adjunto do momento, erva medicinal, imperativos disposicionais nas actividades diárias etc.

Como a tabela ilustra abaixo, os nossos entrevistados iniciaram o uso da cannabis nas idades compreendidas entre os sete (7) e os vinte e um (21) anos. A maior parte dos nossos entrevistados iniciou o uso da cannabis nas idades compreendidas entre os dezasseis (16) aos dezanove (19) anos.

Tabela 10: Idade de entrada ao uso da cannabis sativa.

Idade da entrada no uso da cannabis	Número de entrevistados
7 – 10	1
11 – 15	6
16 – 19	10
20 – 21	1

A maior parte dos nossos entrevistados iniciou o uso da cannabi sativa como meio de inserção social. Alguns depoimentos nos mostram como é que os nossos entrevistados interiorizaram o uso da cannabis:

Entrevista 4 - *Sou usuário da cannabis a 21 anos, comecei a fumar antes de frequentar o Nyabinghi. Comecei a fumar como forma de me inserir socialmente quando vivia nas montanhas de Chimoio, onde a cannabis usava – se para diversos fins, incluindo fins medicinais.*

Entrevista 11 – *Aprendi a usar a cannabis com meus tios em casa.*

Entrevista 15 -*Aprendi a fumar a cannabis não como um rasta, não tinha conhecimentos profundos acerca da cannabis, encontrei uns vizinhos um pouco mais velhos enquanto eu tinha 15 anos, eles rondavam nos dezoito (18) aos vinte e dois 22 anos (...) a cannabis me estimulou e fui fumando mais*

vezes. Três anos depois distingui a “pancada” da cannabis misturada com tabaco da cannabis sem nenhuma mistura. Fui percebendo que a erva não pode ser misturada com nada e deve ser consumida naturalmente, com os irmãos rastafaris confirmei mesmo que a cannabis não pode ser misturada com outras substâncias e em particular o tabaco, devido aos efeitos químicos. Com os rastafaris aprendi a forma correcta de usar a cannabis. Os amigos que fumavam a cannabis misturada com tabaco não eram bandidos, como eu já não misturava eles diziam que eu era chigomoro ou forte porque segundo eles o tabaco diminuía o efeito da cannabis.

Como se pode depreender, são várias as circunstâncias que levaram os nossos entrevistados a interiorizarem o consumo da cannabis, portanto, todas as circunstâncias mostram que os nossos entrevistados procuravam “assumir” o mundo no qual os outros já viviam. Ao interiorizarem o consumo da cannabis os nossos entrevistados tornavam membros desses grupos de pares. A interiorização do uso da cannabis constituiu um processo de socialização dos nossos entrevistados.

Este processo de socialização do consumo encontra-se subjacente a um quadro normativo próprio e um stock de conhecimentos que funcionam como reguladores e legitimadores deste consumo.

7.3. Nyabinghi: Um instrumento de transmissão da identidade rastafari.

No presente subcapítulo pretendemos fazer uma descrição socioespacial do *Nyabinghi*. Uma breve contextualização do surgimento do grupo rastafari ao nível da África é fundamental na medida em que nos permite perceber os contornos ou os constrangimentos que o grupo passou ou passa para a sua implantação em Moçambique.

Nyabinghi é um ritual tradicional rastafari, uma manifestação de carácter político religioso contra toda a forma de opressão do negro e consiste no canto e dança, acompanhados por tambor. *Nyabinghi* é também a forma principal de transmissão da identidade e modo de vida rastafári.

Segundo Cooper (s/d), os rastafaris são um grupo negro de carácter racial que tem origem nos anos 30 no contexto da negritude e espalhou-se em todo mundo, com particular destaque para os países da África negra e os países da diáspora, formados predominantemente por escravos negros (Jamaica, Haiti etc.). O grupo rastafari surge como uma reacção ao domínio político ideológico branco contra a raça negra. O grupo é uma oposição à escravatura e ao colonialismo e apela a liberdade dos negros e a autodeterminação dos povos.

O grupo rastafari identifica – se pelas cores (amarelo, preto, verde, vermelho) das roupas que veste, cabelo a *dread locks*, amor irreverente a natureza, o desapego ao mundo das riquezas materiais, o amor a arte (música *reggae*, pintura, escultura, artesanato). Os rastafaris têm como representante supremo o *Jah*.

São vários os núcleos em que os rastafaris se encontram para celebrarem o *Nyabinghi*. Esses núcleos são as casas dos membros rastafaris. Entretanto, o núcleo central, em forma de uma congregação religiosa, localiza-se na periferia do Município da Matola, bairro de Intaka quarteirão 9.

O núcleo central dista-se a aproximadamente 3 quilómetros do Estádio Nacional de Zimpeto. O núcleo central foi fundado a aproximadamente 5 anos e integra os rastafaris da cidade de Maputo e sua periferia e Matola. Antes da fundação do actual espaço, os rastafaris já se reuniam nalgumas casas dos membros do grupo, nomeadamente distrito de Boane, bairro da Mafalala, bairro Costa do Sol e bairro Polana Caniço. Entretanto segundo alguns membros do grupo rastafari, o actual espaço não foi escolhido pelos membros, “foi um chamamento do *Jah* para um lugar pacífico, um espaço sem nenhuma forma de poluição”.

A manifestação *Nyabinghi* é realizada num espaço aberto, nas fundações de um edifício oval, onde, crianças e adultos da vizinhança vão assistindo sem nenhuma inquietação. As pessoas perpassando pela rua próximo vão observando a manifestação “normalmente”, sem nenhum repúdio. Outras pessoas perpassando pela primeira vez reduzem os seus passos ou até chegam a parar para observar o fenómeno numa perfeita ebulição.

A manifestação *Nyabinghi* tem lugar todos os sábados e inicia entre 12 e as 13 horas até aproximadamente 17horas. O hino da Etiópia dá pontapé de saída para a manifestação e seguem a leitura bíblica, ensinamentos de Haile Selassie I, código de conduta dos rastafaris, o canto, tambor, a dança a volta da fogueira. O hino da Etiópia encerra as manifestações *Nyabinghi*.

Quanto a estrutura, o núcleo é composto do topo a base por *elders*, os rastafaris homens mais experientes em questões identitárias rastafaris, homens menos experientes, ou até os não experientes, mulheres e crianças.

A manifestação *Nyabinghi* é orientada a volta do altar pelos *elderes*. Entretanto, segundo os rastafaris não há nenhuma hierarquia religiosa, nem portavozes entre eles, os *elders* no altar é uma questão de se sentirem experientes, chamados pelo *Jah* e capazes de dirigir a

manifestação. De acordo com os rastafaris, todos os rastafaris são chamados pelo *jah* para desempenhar qualquer actividade na manifestação, seja, em fazer limpeza do local, organizar e arrumar o altar, arranjar lenha, fazer a fogueira, entre outras actividades.

Independentemente das suas experiências em questões identitárias rastafaris, as mulheres não orientam as manifestações *Nyabinghi*.

O altar é feito de madeira e, nele são colocados retratos de Haile Selassie I, toda a documentação, desde a bíblia aos códigos de conduta. No altar são também colocadas frutas (papaia, laranja, coco, banana, tangerina, mandioca crua, cana-de-açúcar, etc) e cannabis sativa, trazidas pelos membros do grupo. No final da manifestação as frutas são divididas de igual para igual e consumidas por todos os rastafaris.

A medida que os *elders* vão orientando a manifestação, vão também, através do *chale*⁶, fumando a cannabis e soltando o fumo para o altar para purifica-lo. O mesmo *chale* é usado e passado de boca para boca, de cada *elder*. No decorrer da manifestação, todos os restantes rastafaris homens vão trocando os *chales* e os *charos* de boca para boca.

As mulheres, que participam em um número muito reduzido (1 a 3 mulheres), dependo da necessidade do momento sentam – se nas esteiras ou ficam de pé, trocando também o seu *chale* ou *charo*. Um número reduzido de crianças e adolescentes (2 a 5) também participam da manifestação.

Segundo Becker (1976) os desviantes podem constituir uma organização, como um grupo que partilha mesmos direitos, mesmas perspectivas e compreensões sobre o mundo e um conjunto de actividades e práticas comumente partilhadas, daí que desenvolvem uma ideologia própria que solidifica a sua identidade.

A adesão a um grupo de desviantes resulta na racionalização da posição de desviante, que leva ao desenvolvimento de uma justificativa histórica, psicológica e legal para a sua actividade, isto é, cria uma ideologia auto - justificadora que fornece razões plausíveis para a continuação no desvio (*idem*).

Com estes mecanismos, o desviante visa a tentar conter o repúdio, regras morais, instituições e mundo convencional. É neste contexto que o *Nyabinghi* transmite ideologia política que

⁶ Instrumento feito a base de *cafuro* (fruto de coqueiro depois de ralado), é usado igualmente como recipiente e

defende um governo teocrático fundado na base da justiça e igualdade de direitos entre Homens. O *Nyabinghi* transmite um conjunto de valores, normas, crenças, regras que garantem a continuidade do grupo rastafari, assim como a vida dos seus membros em sociedade. Acerca do *Nyabinghi*, alguns rastafaris entrevistados afirmaram o seguinte:

Entrevista 4- *Frequento o Nyabinghi a 9 anos. Para mim, Nyabinghi é a ordem, é a criação do ser natural, uma cabeça viva... todos os acontecimentos(...) Nyabinghi é a ordem da supremacia negra que se vive no tempo e no espaço e se manifesta pela santíssima trindade, é o passado, presente e o futuro. Comecei a frequentar o Nyabinghi quando me apercebi que vivia oprimido no sistema, não sentia base de mim como pessoa, me sentia escravizado pelo álcool, sentia -me atrasado na sabedoria de Jah (...) a luta era intensa para me salvar, mas a salvação estava em mim... Deus abriu as portas e fez me perceber que havia Nyabinghi, onde era possível salvar a minha alma oprimida(...) logo que descobri a casa senti uma profunda paz e liberdade. Para mim o Nyabinghi ajuda me na educação, ajuda me a distinguir o mal do bem e a fugir da babilónia.*

Entrevista 8 *Nyabinghi é a ordem da rectidão, para defender a bondade, a mesma ordem do tempo passado(...) estamos levando esta ordem(...) da rectidão. O antigo nome de Nyabinghi é a revolta contra toda a concepção malvada e o objectivo central do Nyabinghi é alcançar a vida correcta para todas as pessoas(...) as pessoas devem viver da verdade. Fomos chamados pelo Jah para nos unirmos entre irmãos(...) para compartilharmos a vida Nyabinghi. Nyabinghi é uma ordem, cooperação, aprendizagem, educação (...) é um conhecimento que se deve partilhar entre irmãos(...) amor, justiça, paz...liberdade, porque fomos colonizados e agora estamos livres.*

7.4 Hostilidades: polícia, família, vizinhos.

Segundo Becker (1976), o resultado imediato de ser desviante é a exclusão social, pois o desviante passa a não pertencer aos grupos convencionais e institucionais, por outro lado, a discriminação do desviante agrava a sua condição de desviante, visto que é-lhe negado os meios de subsistência, abertos para as pessoas que a sociedade considera-os como tendo comportamentos normais.

É daí que neste subcapítulo procuramos relacionar os problemas da exclusão social e discriminação pelo facto de os indivíduos fazerem o uso da cannabis e pertencerem ao grupo rastafari. Neste ponto procuramos perceber a interacção dos rastafaris nas unidades hospitalares, meio familiar e vizinhança, assim como no acesso as instituições estatais, públicas e formais de emprego.

Quanto a interacção nas unidades hospitalares, apenas um (1) rastafari reportou o problema de ter sido forçado a cortar as *dread locks* em troca do atendimento hospitalar. Entretanto o

rastafari não aceitou cortar o cabelo, não obstante, o agente da saúde acabou lhe dando assistência. Nenhum rastafari reportou problema de acesso a uma instituição estatal, pública e formal de emprego como resultado de ser rastafari e, como tal, ser considerado surumático.

Relativamente aos problemas com a polícia, três (3) rastafaris afirmaram terem já enfrentado a esquadra policial devido ao uso e manuseamento da cannabis onde, na maioria das vezes, recorrendo a meios informais que possam envolver o suborno ou extorsão pelos agentes policiais, são liberalizados. Para se livrarem dos agentes policiais, outras vezes os rastafaris justificam-se usando razões identitárias, onde, em alguns casos, os agentes policiais consentem e libertam os detidos, apelando os para usarem a cannabis discretamente e não circularem com ela.

Dos rastafaris entrevistados, quatro (4) já sofreram repúdio e hostilidades com a família e vizinhos devido ao consumo da cannabis, entretanto, com um tempo relativamente menor, a família e vizinhos apercebem-se da inexistência de um comportamento patológico causado pelo consumo da cannabis e, pelo contrário, a família e os vizinhos apercebem-se que fumadores se tornam mais pacíficos e tolerantes. Esta mudança comportamental dos fumadores em causa, faz com que haja uma relativa aceitação do uso da cannabis no seio familiar e na vizinhança ou até pela polícia.

Concordando com Durkheim (2001), a atitude da família, vizinhança e alguns polícias mostra-nos que o direito não se restringe ao direito positivo como tal, mas a um mecanismo ou a um acervo de normas que regulam o funcionamento de uma determinada sociedade, daí que para Durkheim, o direito positivo só responde a uma parte da vida social e, por consequência, só nos fornece dados incompletos para a resolução de um problema.

Acerca dos problemas decorrentes do consumo da *cannabis sativa*, alguns rastafaris afirmaram o seguinte:

Entrevista 9(...) *o único problema que já tive em fumar a cannabis foi de ter sido encontrado com a cannabis sativa pela polícia, porém, assim que expliquei eles me libertaram e disseram me para não andar mais com a cannabis sativa nos bolsos. Família, vizinhos não tem nenhum tipo de problema pelo facto de eu fumar a cannabis...*

Entrevista 15 (...) *o problema que tive por causa do consumo da cannabis é que os vizinhos começaram a prestar atenção, mas pouco a pouco foram vendo o meu comportamento e notaram que eu não era agressivo e, pelo contrário eu me tornara mais pacífico, daí que consentem o meu*

consumo. Já fui detido, mas a polícia foi percebendo que eu era muito pacífico e muito educado, a polícia liberou-me e apelou-me que usasse a cannabis sativa discretamente...

Entrevista 16 (...) *tenho sido vítima da polícia, por isso evito confrontos com ela, somos encarcerados e temos que pagar pela liberdade (...) pessoas normais não se importam pelo facto de fumarmos a cannabis, mas a polícia tem de cumprir com a lei, eles nem sabem que os polícias também podem usar a cannabis (...) há músicos, doutores que normalmente usam a cannabis, só escondem para evitar vergonha e responder criminalmente. Duas vezes fui encarcerado, mas me deixaram espontaneamente porque não tinha dinheiro para pagar. A outra vez alguém pagou para mim porque eu não tinha dinheiro...*

7.5. Nyabinghi- um quadro normativo e stock de conhecimentos que legitimam o uso da cannabis sativa.

Segundo Berger e Luckmann (2004) a legitimação “explica” a ordem institucional atribuindo validade cognitiva aos seus significados objectivados. A legitimação justifica a ordem institucional dando dignidade normativa aos seus imperativos práticos. A legitimação tem um elemento cognitivo bem como um elemento normativo. Por outras palavras, a legitimação não é apenas um elemento gestão de “valores” implica também conhecimento.

Como instituição de transmissão de valores e conhecimentos rastafaris o *Nyabinghi* dota o uso da cannabis sativa como um imperativo prático para a solução de diversos problemas. No *Nyabinghi* o uso da cannabis permite o contacto com o *Jah*, resolve os problemas espirituais, dá boa disposição no desempenho de várias actividades. “A cannabis sativa é a cura das nações”.

Para o *Nyabinghi* o uso da cannabis encontra a sua explicação e justificação na bíblia sagrada no livro de Génesis:

Eis que vos tenho dado toda a vegetação que dá semente, que há na superfície de toda a terra, e toda árvore em que há fruto de árvore que dá semente. Sirva-vos de alimento. E a todo animal selvático da terra, e a toda a criatura voadora dos céus, e a tudo o que se move sobre a terra, em que há vida como alma, tenho dado toda a vegetação verde por alimento.
Bíblia Sagrada (Génesis 1:29;30).

Entrevista 4 *Como escola de virtualidade por excelência deste tempo, o Nyabinghi ensina que a cannabis sativa faz redimir as almas reprimidas, a cannabis pode ser usada como incenso, cannabis expulsa os maus espíritos, cannabis é uma medicina natural que serve como cura das nações(...) cannabis cura as almas oprimidas (...)*

Entrevista 8 *Fumo a cannabis a 20 anos nós usamos a cannabis como coisa sagrada, não para abusa-la, nós ensinamo – nos como usa-la. O efeito da cannabis é para nos levantar a moral, na meditação (...) é também bom nesse sentido. Fumamos a cannabis porque Deus criou o Homem, colocou o no jardim e disse – lhe como viver (...) viva de ervas, frutas! (...)*

Como podemos ver nos discursos acima, o *Nyabinghi* actua como uma instituição normativa de legitimação do mundo, uma vez que ele torna a realidade social inteligível para os seus frequentadores que a interiorizam (Berger e Luckmann, 2004), fazendo com que o mundo quotidiano ganhe significado e seja socialmente aceite e partilhado pelos membros desta colectividade.

Os praticantes do *Nyabinghi* recorrem constantemente a um quadro normativo de legitimação que se baseia em explicações de fórum teológico/divino, fazendo com que aspectos da realidade sejam coerentemente integrados num conjunto de conhecimento socialmente partilhados que encontra substrato na bíblia crista e em eventos religiosos.

Berger e Luckmann (2004) afirmam que no quarto nível de legitimação todos os fenómenos e acontecimentos são explicados na medida em que se integram a uma teoria global ligada ao mundo do além, deste modo o *Nyabinghi* funciona como um todo que integra e justifica não só o consumo da cannabis, assim como o “promove” quando usado segundo os princípios normativos/norteadores deste ritual. Desta maneira o *Nyabinghi* oferece explicações contextualmente lógicas e aceites por este grupo, pelo facto de a sociedade englobante discriminar e recriminar o consumo da cannabis.

7.6. Nyabinghi e coesão dos rastafaris: entre a religião e a espiritualidade?

Não obstante os Rastafaris não considerarem o *Nyabinghi* como religião, o presente subcapítulo visa mostrar que o conjunto de práticas que integram o *Nyabinghi*, assim como a influência que estas práticas têm para a vida quotidiana dos rastafaris podem ser analiticamente concebido dentro de uma perspectiva da religião.

Com a perspectiva da religião, o presente subcapítulo mostrará também o *Nyabinghi* como facto social que reforça a coesão social dos rastafaris através de um conjunto de normas, valores, crenças, regras que regulam a sua conduta.

De acordo com Berger e Luckman (2004), a sociedade como realidade objectiva compreende a objectivação ou a criação de uma determinada realidade, isto é, o processo pelo qual se

criam as instituições. Este processo ocorre sempre que há tipificação recíproca por tipos de actores, de acções tornadas hábitos. O processo consiste na tradução dos elementos culturais (ideais, símbolos, valores) em normas, papéis, regras que exercem um controle directo sobre a acção e interacção dos membros de uma colectividade.

A instituição *Nyabinghi* é o garante da tradução dos elementos culturais (ideias, símbolos, valores), em normas, papéis, regras que exercem um controle directo sobre a acção e interacção dos rastafaris. Alguns rastafaris entrevistados mostram nos como foi possível mudar seus comportamentos e concepção de vida, no geral, com a sua adesão ao *Nyabinghi*.

Não obstante a forma e o conteúdo do *Nyabinghi* nos levar a uma perspectiva da religião, na acepção de Johnston ⁷ (1992) e Durkheim (2008), para Haile Selassie I e os seus seguidores (*apud* Cooper s/d), o *Nyabinghi* e o seu conjunto de práticas não pode ser confundido com uma religião. O *Nyabinghi* e suas práticas estão ligados a espiritualidade. Para Haile Selassie I a religião é um conjunto de regras, regulamentos e rituais criados por humanos, que são supostos ajudar pessoas a crescerem espiritualmente (*idem*).

Devido a imperfeição humana a religião tem-se tornado corrupta, política, divisória e um instrumento de luta pelo poder. Espiritualidade não é teologia ou ideologia. Espiritualidade é um simples modo de vida, puro e original tal como foi dado pelo altíssimo da criação. Espiritualidade é uma rede ligando-nos ao mais alto, o universo e a cada um. Como essência da nossa existência, ela incorpora nossa cultura, verdadeira identidade, nacionalidade e destino (*idem*).

Para o nosso entendimento, a distinção feita por Selassie I é simplesmente analítica porque empiricamente são invisíveis no *Nyabinghi* os limites da religião e aquilo a que Selassie I denomina de espiritualidade.

De acordo com Durkheim (2008) religião não se baseia necessariamente na crença num Deus transcendente. Para Durkheim a religião é antes de tudo um “sistema de crenças e de práticas”. A religião é um fenómeno colectivo e todas as crenças morais colectivas são dotadas de um carácter sagrado. A existência da religião baseia-se numa distinção essencial entre fenómenos sagrados e profanos (*idem*).

⁷Cfr. JOHNSTON, R. L, *Religion in Society*, Prentice Hall: New Jersey, 1992.

A racionalidade prática jamais pode ser o fundamento da orientação da acção social e muito menos de qualquer forma de sociabilidade. A racionalidade humana está assentada sobre bases emocionais e, portanto, não racionais, as quais fornecem os elementos que lhe precedem logicamente operar, quais sejam: uma cosmologia e uma solidariedade pré-contratual (*idem*).

Segundo Giddens (1990), essa relação que Durkheim estabelece aqui entre a sociedade e o sagrado não pode ser mal interpretada. Ele não afirma que “a religião cria a sociedade”, porém ele defende que a religião é a expressão da auto-criação, da evolução autónoma, da sociedade humana. Neste sentido, não seria uma teoria idealista, mas antes da obediência ao princípio metodológico que diz que os fatos sociais têm de ser explicados em termos de outros fatos sociais.

Nesta perspectiva, segundo Durkheim (2008) os indivíduos aderem a preceitos de moralidade. Buscam a colectividade do grupo e a coesão desta deriva de sua força moral – de sua capacidade de definir e implementar limites entre o certo e o errado – mas, para as pessoas é difícil de entender directamente, então elas projectam em formas concretas, por exemplo, os totens⁸.

Os ideais expressos nas crenças religiosas são, pois, os ideais morais em que se baseia a unidade da sociedade. Sempre que os indivíduos se juntam num ritual religioso, estão a afirmar a sua fé na ordem moral de que depende a solidariedade mecânica dessa sociedade.

Os ritos positivos do ritual religioso contribuem, assim, para a consolidação moral do grupo, contrabalançando o fato de os indivíduos procurarem satisfazer nas actividades quotidianas da vida, no mundo profano, os seus próprios interesses egoístas, o que os leva a alhear-se dos valores morais em que assenta a solidariedade social.

⁸ Cfr. DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa, o sistema totémico na Austrália*. São Paulo, Paulus, 2008.

Portanto, Durkheim definiu a religião como um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, interditadas, crenças e práticas que unem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que aderem a ela.

Entendemos através da perspectiva Durkhemiana que *Nyabinghi* é um fenómeno do grupo, complexo e faz ligação dos rastafaris a um mundo do além através de um conjunto de normas, regras valores, símbolos comumente compartilhadas e que, esse conjunto de normas, regras valores, símbolos regulam a conduta dos rastafaris na sua vida quotidiana e reforçam a sua coesão social através da distinção entre o profano e sagrado.

O carácter vegetariano da alimentação dos rastafaris, o seu desapego ao mundo das riquezas materiais, amor irreverente a natureza, o não ao álcool, o não ao tabaco e poligamia constituem as maneiras de pensar, agir e sentir que são transmitidas e interiorizadas no *Nyabinghi*.

Acerca de *Nyabinghi*, alguns dos nossos entrevistados afirmaram o seguinte:

Entrevista 4 *Antes de viver a civilização Nyabinghi sentia uma diferença tal (...) a minha alma, o meu espírito sentiam uma perturbação (...) num dado momento, o espírito mal tomava a minha parte física sem me aperceber (...) antes de viver o Nyabinghi atravessei grande obscuridade, estava no caminho do álcool, vivia sem nenhum peso (...) conflitos com a família...*

Rastaman 16 *(...) tenho crença no poder supremo Jah (...) Acredito na existência do diabo e do inferno onde, o inferno é o lugar onde pessoas fracas podem ser julgadas. Descobri que o Nyabinghi me fazia diferenciar o mal do bem...*

Entrevista 9- *Nyabighi é a principal ordem que leva o movimento rastafari no seu dia a dia (...) O objectivo central do Nyabinghi é harmonizar os homens para que estejam unidos numa única mente, no mesmo trabalho (...) Nyabinghi é a ordem que nos deixa em contacto directo com o Jah (...) não posso andar nas barracas, não posso me casar com muitas mulheres, não posso passar noites fora de casa. (...) o que ganho é graças a Deus.*

O *Nyabinghi* estabelece deste modo, um conjunto de preceitos ou regras morais que estruturam e identificam o *modos-vivendi* de todos os indivíduos que partilham e interiorizam

este ritual e os valores a ele subjacentes, de forma que é pelo ritual *Nyabinghi* que os rastafaris se identificam como “*you and i*”⁹.

Como a tabela 12 ilustra abaixo, um aspecto que merece uma particular atenção, é que a maioria dos jovens entrevistados começaram a usar a cannabis como meio de inserção social antes de frequentar o *Nyabinghi*, o que nos leva a perceber que não é necessariamente a cannabis que leva os Rastafaris a frequentarem o *Nyabinghi*, porém a cannabis é apenas um dos adjuntos que está incluída na manifestação *Nyabinghi*.

Tabela 11: Entrada e permanência no fumo da cannabis e no *Nyabinghi*.

Consumo da Cannabis antes da Prática de <i>Nyabinghi</i>	13 Entrevistados
Consumo da Cannabis iniciado com a Prática de <i>Nyabinghi</i>	05 Entrevistados

Este facto nos permite perceber que nos nossos entrevistados, o uso da cannabis é um fenómeno anterior a prática do *Nyabinghi*, o que vem ressaltar o carácter instrumental do *Nyabinghi*, uma vez que os indivíduos são sujeitos a todo um processo de coerção social por parte da sociedade englobante, no sentido de se conformarem as normas sociais e recriminarem o consumo da cannabis.

Portanto a prática do *Nyabinghi* actua aqui como um mecanismo de protecção aos rastafaris que consomem a cannabis, na medida em que legítima, justificando de forma ideológica esta prática, unindo os consumidores em torno de um estilo de vida próprio, que opera como uma sub-cultura envolta pela cultura englobante.

É deste modo que o *Nyabinghi* permite em parte a existência dos rastafaris enquanto grupo social, na medida em que é por meio do *Nyabinghi* que os rastafaris desenvolvem todo um conjunto de práticas e normas que possibilitam a sua existência enquanto uma mesma colectividade, agindo deste modo, o *Nyabinghi* como catalizador da coesão social, na medida em que os une e legitima.

⁹ Forma de tratamento usada pelos rastafaris, para se referirem um ao outro, o que demonstra a afectividade que os rastafaris estabelecem entre si, enquanto membros de uma mesma colectividade.

VIII. CONCLUSÃO.

O presente trabalho procurou estudar a prática que os rastafaris desenvolvem para garantir a continuidade do consumo da cannabis, prática esta que opera de forma latente como um mecanismo de coesão social. O objectivo geral consistiu em compreender o Nyabinghi na sua relação com a legitimação do consumo da *cannabis sativa* e coesão social dos rastafaris na cidade de Maputo. Como objectivos específicos, tentamos captar concepções e sentimentos que os rastafaris têm sobre o consumo da cannabis; Demonstrar o *Nyabinghi* como dimensão religiosa que legitima o uso da cannabis sativa. Outro objectivo específico era relacionar a prática do *Nyabinghi* e o reforço da coesão social do grupo rastafari.

A nossa questão de partida consistiu em questionar a prática que os rastafaris desenvolvem para garantir a continuidade do consumo da *cannabis sativa* e sua coesão social perante as hostilidades da sociedade englobante. Em jeito de respostas provisórias, identificamos a primeira, o *Nyabinghi* como a prática que desempenha o papel fundamental para a continuidade do consumo e da coesão social dos rastafaris. A segunda resposta provisória é de que a prática do *Nyabinghi* actuava como um mecanismo que permite a fortificação da coesão social dos rastafaris.

Entretanto, os resultados obtidos nos mostram que não obstante a maior parte dos rastafaris começar a fumar a cannabis muito antes de frequentar o *Nyabinghi*, este garante a continuidade do consumo da cannabis sativa e coesão social dos rastafaris, visto que funciona como instituição de transmissão da identidade rastafari, seus *modos vivende*, desenvolvendo desse modo um espírito de unidade e solidariedade entre os rastafaris.

Podemos concluir que não é necessariamente a cannabis que leva os rastafaris a frequentar o *Nyabinghi*, mas diversas razões como por exemplo: a exaltação daquilo que os Rastafaris consideram cultura negra; salvação espiritual; escola da vida rastafari ou escola da integridade; maior solidariedade e maior coesão social; luta contra a democracia; entre outras razões. A *cannabis sativa* surge como um elemento que interage com outros elementos (a leitura e interpretação da Bíblia sagrada, o canto, o tambor, ensinamentos de Haile Selassie I) à volta da fogueira nas manifestações *Nyabinghis*.

Relativamente às hostilidades, concluímos que as hostilidades perpetuadas para o grupo rastafari devido ao consumo da *cannabis sativa*, são relativa e estritamente ligadas às formalidades das instâncias policiais, visto que, os rastafaris reportam uma relativa indiferença e aceitação deste consumo pelos outros sectores da sociedade como família, vizinhança, instituições públicas e privadas, ONGs etc,

O que podemos constatar, concordando com Tembe (2009) é que há um relativo auto-afastamento dos Rastafaris, na adesão aos sectores e instituições públicas e formais de emprego. Todavia, se para alguns rastafaris o nível académico baixo se torna um impedimento para a sua inserção às instituições formais de emprego, outros enfrentam a luta pelo emprego formal que qualquer indivíduo, independentemente de ser rastafari ou não, também enfrenta.

Ainda pudemos observar nesta pesquisa que dois momentos marcam as razões, sentimentos e concepções sobre o uso da *cannabis sativa*: o *primeiro momento* é o momento do consumo antes da entrada ao *Nyabinghi*. Este consiste na inserção social independentemente do conhecimento do *Nyabinghi* e rastafarismo. A inserção recreacional “curtição” entre grupos de amigos é predominante neste momento, embora o meio familiar onde se usava a *cannabis sativa* “abertamente”, tenha sido um factor preponderante para a entrada de alguns rastafaris ao consumo da *cannabis sativa*.

Portanto, enquanto alguns concebem o consumo da *cannabis sativa* como um adjunto do momento entre grupos de amigos, outros concebem como erva medicinal e estimulante para a prática de diversas actividades.

O *segundo momento* é o momento após a entrada ao *Nyabinghi*, momento ritual intrinsecamente ligado à tranquilidade espiritual e comunicação com o *Jah*. É neste momento que o *Nyabinghi* se estrutura como legitimadora do consumo da *cannabis sativa* e catalisa a coesão dos rastafaris que formam deste modo uma sub-cultura envolta da cultura englobante.

IX. BIBLIOGRAFIA.

- BECKER, H. *Becoming a Marijuana User*, The University of Chicago Press, [http:// www.jstor.org/stable/ 2771989](http://www.jstor.org/stable/2771989), acessado em 18/07/2008
- BECKER, Howard S. *As Regras e a sua Imposição*, In: Uma Teoria da Ação Colectiva. Rio de Janeiro. Zahar Editores.1976;
- BÍBLIA SAGRADA, *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, Watchtower Bible and Tract Society of New York, Inc./ Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, São Paulo- Brasil.
- BOUDON, Raymond, *Os Metodos em Sociologia*, Lisboa, Edições Rolim, 1990;
- CONSELHO DE MINISTROS, *Relatório Anual de Actividades de 2008*
- CONSELHO DE MINISTROS, *Relatório Anual de Actividades de 2009*
- CONSELHO DE MINISTROS, *Política e Estratégia de Prevenção e Combate á Droga*, Resolução nº 15/2003 de 14 de Maio
- COOPER, Michael, *Members of a New Race: Teachings os H.I.M. Haile Selassie I*, A Rastaman Vibration/ Clarity Production, P.O. Box 761, Blantyre, Malawi, Africa.
- CEBRID, *Drogas Psicotrópicas*, universidade Federal de São Paulo, 2007
- CHEMISTRY AND BIODIVERSITY REVIEW *The Toxicology of Cannabis and Cannabis Prohibition*. Vol.4, 2007.
- COHEN et al, *Delinquent subcultures*, in Henslin James M. *Introducing Sociology*, The Free Press. A Division of Macmillan, publishing co, inc, New York, 1975;
- CRESPI, Franco, *Manual de sociologia da cultura*, Editorial estampa, 1997
- DE FARIA, Ana Cristina et al. *Manual Práctico para Elaboração de Monografias*, Editora Vozes, São Paulo, 2007.
- DUBAR, C. *A Socialização, Construção das Identidades Sociais e Profissionais*, Porto Editora, Porto, 1997;

- DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa, o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo, Paulus, 2008.
- DURKHEIM, Émile. *Divisão do Trabalho Social e Direito*. In Souto et al, *Sociologia e Direito*. Editora Pioneira thompson Learning. São Paulo, 2001;
- EHRLICH, Eugen, *O Estudo de Direito Vivo*, In Souto, Cláudio e Falcão, Joaquim. (org), *Sociologia e Direito*, Editora Pioneira Thompson Lenning, São Paulo, 2001;
- FERREIRA, Carvalho et al. *Sociologia*, Mcgraw – Hill, Lisboa, 2004;
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3ª. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- GIDDENS, Anthony, *Sociologia*, Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Av. De Berna- Lisboa, 2000
- GOFFMAN, Erving, *Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, Zahar Editores, 1980;
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: Como Fazer Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- HALL, Stuart, BEN, G. **Formations of Modernity**, The Open University, 1992.
- JOHNSTON, R. L, *Religion in Society*, Prentice Hall: New Jersey, 1992
- LAKATOS & MARCONI, **Sociologia**, 7ª Edição, Editora Atlas.2006
- MACAMO, Elisio, *A Leitura Sociológica: Um Manual Introdutório*, Imprensa Universitária, Maputo, 2004.
- MACRAE, E. Simões, J. *A Subcultura da Maconha, seus Valores e Rituais entre Sectores Socialmente Integrados*, www.neip.info. Acessado em 2 de Julho de 2010;
- OLIEVENSTEIN, Claude, **A Droga – Droga e Toxicômanos**, edição 174, n° 16, Editorial Pórtico, Lisboa.
- PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Imprensa Nacional – Caso Moeda, s/d.

- PINTO, José , **Considerações Sobre a Produção Social de Identidade**, Universidade do Porto, n° 32, jun, 1991;
- QUIVY, Raymond. Campenhoudt *Manual de Investigação em Ciências Sociais*.iii edição. Lisboa. Gradiva, 2003;
- RASTA, *Emperor Haile Selassie and the Rastafarians Centenary*. Black Star Line Inc.1982.
- RODNEY, *Rastafarians and The Emperor Haile Selassie*, Black Star Line Inc,1983.
- ROCHER, Guy. *Sociologia Geral:Acção Social*. Vol1. Editora Presença, Lisboa, 1989;
- SANTOS, Boaventura de Sousa, *Por uma Concepção Multicultural de Direitos Humanos*, in *Identidades*, Revista Crítica de Ciências Sociais n° 48;
- SOUTO, Cláudio; Souto, Solange. *Sociologia de Direito*. (Cap. 3 – Breve História Crítica da Sociologia de Direito). Livros Técnicos e Científicos Editora, Rio de Janeiro, 1981;
- SEQUEIRA, Neto . *Jovens, Família e Drogas: Um Estudo sobre a Toxicodepência na Cidade de Maputo*,Tese de Lincenseatura em Sociologia. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2003;
- TEMBE, António. *Reprodução das Identidades Sociais: O Caso da Identidade Rastafari na Cidade de Maputo*, Tese de Lincenseatura em Sociologia. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2009.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*, IV Edição, Editora Vozes, Sao Paulo, 1990;
- VALENTIM, Artur, *Droga, Dependência e Sociedade*, in Revista Crítica de Ciências Sociais, Universidade Atlântica,
- ZINBERG, N. Harding, W. *The Effectiveness of the subculture in Developing Ritual and Social Sanctions for controlled Drug Use*, Brian M. DuToit, editor. A. A. Balkema, Rotterdam, 1977.

ANEXO

Inquérito por questionário sobre Nyabinghi e sua relação com o quotidiano dos Rastafaris.

O presente inquérito é de índole académica e tem em vista a elaboração de uma monografia para a obtenção do grau de licenciatura em Sociologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane. Através deste inquérito, pretende – se analisar o impacto do Nyabinghi para o consumo da cannabis sativa e reprodução social dos rastafáris. Analisar-se-á também o impacto do Nyabinghi para a vida cotidiana dos rastafáris e da sua relação com a sociedade Moçambicana englobante. Não há necessidade de se identificar pelo nome daí que as suas respostas terão um carácter confidencial e meramente académico.

I. Perfil demográfico

1. Sexo?

1. () Masculino
2. () Feminino

2. Idade?

- 1.() 18 – 27
2. () 28 – 37
1. () 48 – 57
2. () 60 +

II. Estado Civil

3. Qual é o seu estado civil?

- 1.() Casado
2. () Solteiro

4. Tipo de Casamento?

1. () Civil
2. () Lobolo total ou parcial
3. () Apresentação
4. () União de facto
5. () Poligâmico
6. () Namoro

III. Perfil socioeconômico

5. Local de residência?

1. () Urbano
2. () Suburbano

6. Nível de instrução escolar actual?

1. () Primário (1ª a 7ª classes ou equivalente)
2. () Secundário Básico (8ª a 10ª classes ou equivalente)
3. () Secundário Médio (11ª a 12ª classes ou equivalente)
4. () Superior bacharelado
5. () Superior Licenciatura
6. () Superior Mestrado
7. () Superior Doutoramento
8. () Nenhum
9. () Outro [Especificar] _____

7. Profissão

1. () Formal
2. () Informal/e ou conta próp

8. Posse de transporte/ automóvel

1. () Privado
2. () Oficial
3. () Emprestado
4. () Não possui

9. Dá para cobrir os gastos ou despesas pelo que ganha?

1. () Sim
2. () Não

10. Consegue poupar algum dinheiro ou os rendimentos destinam-se todos a cobrir os gastos diários?

1. () Sim
2. () Não. Porquê

11. Se têm poupanças, de que tipo?

1. () Conta bancária
2. () Xitique

12. Qual é a avaliação que faz da sua fortuna?

1. Valor monetário _____
2. Bens móveis _____
3. Bens imóveis _____

IV. Religião

13. Crença?

1. () Poder supremo (Jah)
2. () Diabo
3. () Inferno

14. Já se sentiu em comunicação com Jah?

1. () Sim

2. () Não

15. Já sentiu intervenção do Jah na sua vida cotidiana?

1. () Sim. Explique

2. () Não

16. O que é Nyabinghi para si?

17. Qual é o objectivo central do Nyabinghi?

18. Há quanto tempo frequenta o Nyabinghi?(Anos)

19. O que lhe levou a aderir o Nyabinghi

20. O que acha que o Nyabinghi resolve para si?

21. Sente – se obrigado a frequentar o Nyabinghi?

1. () Sim

2. () Não

22. Alguém ou alguma coisa lhe obriga a frequentar o Nyabinghi?

1. () Alguém [Indique]_____

2. () Ninguém

3. () Alguma coisa [Indique e explique]

23. Que ensinamentos dá o Nyabinghi?

24. Quais são os ganhos quotidianos o Nyabinghi traz para si?

25. Como era a sua vida antes de frequentar o Nyabinghi? E depois de frequentar

26. Quando é que se tornou rastafári?

1. () Antes de frequentar o Nyabinghi.
2. () Depois de frequentar o Nyabinghi.

27. Que importância acha que o Nyabinghi tem para existência e permanência do rastafarismo?

28. Que ligação acha que tem o Nyabinghi e o consumo da cannabis sativa?

29. Como e com quem aprendeu a fumar a cannabis sativa?

30. Há quanto tempo fuma a cannabis sativa?

1. () Anos

31. Começou a fumar cannabis antes ou depois de frequentar o Nyabinghi?

1. () Antes
2. () Depois

32. Quem controla a quantidade da cannabis que fumas? Com que base é feito esse controle?

33. Como é que a cannabis sativa chega ao Nyabinghi

34. Como é que se garante o fornecimento da cannabis sativa no Nyabinghi?

35. Qual é o efeito comportamental da cannabis quando fuma no Nyabinghi?

36. Qual é o efeito comportamental da cannabis quando fuma fora do Nyabinghi?

37. Como é que reage perante as "injustiças", discriminação (polícia, sociedade englobante)?

1. () Diálogo
2. () Passividade
3. () Agressão física
4. () Outra

38. Já teve problemas devido ao facto de usar a cannabis sativa?

1. () Na família
2. () Na Polícia
3. () Visinhança
4. () Unidades hospitalares

39. Usa outras drogas além da cannabis sativa?

1. () Sim [indique]_____
2. () Não

40. Consume bebidas alcoólicas?

1. () Sim
2. () Não

V. Política

41. Que tipo de governo reconhece?

1. () Democrático
2. () Teocrático
3. () Outro

42. Como é que reage face a opressão política?

1. () Canto, dança, tambor, grito
2. () diálogo
3. () Outra

43. Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Muito Obrigado pela colaboração!!!!